

JULIANA MARIA PADOVAN ALEIXO

**CENTRO DE CONVIVÊNCIA E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL:
Invenção e produção de encontros no território da diversidade**

ASSIS

2016

JULIANA MARIA PADOVAN ALEIXO

**CENTRO DE CONVIVÊNCIA E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL:
Invenção e produção de encontros no território da diversidade**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em psicologia: (Área de conhecimento Psicologia e Sociedade).

Orientadora: Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima

ASSIS

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

Aleixo, Juliana Maria Padovan
A366c Centro de convivência e atenção psicossocial: invenção e
produção de encontros no território da diversidade / Juliana
Maria Padovan Aleixo.- Assis, 2016.
117 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Dr^a Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima

1. Saúde mental. 2. Terapia Ocupacional. 3. Oficinas
terapêuticas. 4. Subjetividade. 5. Diferença (Filosofia). I.
Título.

CDD 614

Ao meu querido e amado pai. Que generosamente me transmitiu seu grande amor pela arte do conhecimento. Presença eternizada em minha vida.

In memoriam

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi intensamente produzido na vizinhança com atores protagonistas na obra de minha vida. Assim, agradeço imensamente:

À minha família: meu pai Luiz em sua presença sempre imanente, minha mãe Odila, meus irmãos Alexandre e Carol, grandes companheiros de minha existência, que me abraçaram com tantos afetos potentes ao longo da vida, contribuindo, assim, para que eu apostasse em vidas afetivas alegres.

Ao meu companheiro de vida, de trabalho, de estudos, de mestrado, meu marido Gilson, sempre presente, me amparando e apoiando em tantos momentos da vida, e compartilhando tantos sonhos.

À minha orientadora, Beth Lima, que compartilhou generosamente tantos conhecimentos, respeitando tantas singularidades, apostando e sugerindo palavras e caminhos quando eu não os encontrava. Soube solidariamente construir um grupo de orientação, onde nos fortalecemos nas escritas e escolhas dos caminhos do desejo da produção de conhecimento, em meio ao afeto, aos bons encontros, ao respeito e grande companheirismo. Agradeço muito aos companheiros dessa jornada: Lívia Pelegrine, Paula Aversa, Juliana Araújo, Rafael Oliveira, Guilherme Providelo e Tânia.

Ao querido Silvio Yasui, pelos fundamentais apontamentos e sugestões acerca deste trabalho. Agradeço muito por compartilhar bons encontros no aconchego de seu lar junto com Helô e Niko, regados a vinhos, boa comida, boas conversas, nos ensinando o quanto a produção de conhecimento na academia pode ser afetiva, leve e generosa.

Agradeço, também, ao querido Emerson Merhy pelo companheirismo nas lutas na saúde mental em Campinas, pela grande contribuição no trabalho com o colegiado gestor do Serviço de Saúde Cândido Ferreira, por apostar em nossas “maluquices” e fazer parte delas, pelos intensivos comentários no momento da qualificação deste trabalho, contribuindo para o mergulho e entrega ao devir-cartógrafa que já me aflorava.

Ao amigo Ricardo Pena, que tanto nos apoiou no investimento da produção de conhecimento frente à nossa intensiva prática, sendo fundamental seu incentivo no momento do nosso ingresso ao programa do Mestrado, nos apoiando e nos

fazendo rir muito, sempre!

À querida Cristina Amélia, que tantas vezes nos acolheu em sua casa, tornando nossas idas a Assis mais acolhedora, nos apoiando e, claro, nos fazendo rir muito também!

Agradecimento especial aos usuários e equipe do Centro de Convivência Rosa dos Ventos, espaço que tanto me ensinou, desassossegou, instigando a produzir este trabalho. Muito obrigada “Marias-trabalhadoras”: Fernanda, Silvia, Ellen, Terezinha, Ivone, Júlia, Andressas, Ana, Jerusa...

Ao Serviço de Saúde Cândido Ferreira, espaço de toda minha construção profissional na rede de saúde mental em Campinas. Lugar onde aprendo cotidianamente a resistir e insistir e, sobretudo, lidar com grandes adversidades entendendo-as como forças da vida em vida.

Às minhas cachorras, Trufa e Capitu, que em seus afetos caninos colocaram-se sempre ao meu lado, acompanhando o tecer dessa escrita, das leituras, apenas estando junto, ao lado.

Por fim, à Terapia Ocupacional, que por tantas vezes me desestabilizou e provocou, alavancando desejos de movimento rumo a tantas possíveis expressões de vida. Profissão que me ensina dia-dia que outras formas de vida existem e pedem passagem...

*Maria, Maria,
É um dom,
Uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta*

*Maria, Maria,
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta*

*Mas é preciso ter força,
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca*

*Maria, Maria,
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha,
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida...*

Milton Nascimento

ALEIXO, Juliana Maria Padovan. **CENTRO DE CONVIVÊNCIA E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: Invenção e produção de encontros no território da diversidade.** 2016. 124 f. Dissertação (mestrado em psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMO

Esse trabalho aborda parte da experiência de gestão de um Centro de Convivência em Campinas, equipamento/dispositivo que compõe a rede psicossocial, orientado por diretrizes da Reforma Psiquiátrica, SUS e Atenção Psicossocial, dialogando com práticas nos campos das artes, da cultura e do lazer. O Centro de Convivência é nosso campo e a cartografia de seu plano de produções sensíveis e intensivas nosso principal objeto de interesse, para que fosse possível colocar em análise as produções híbridas que têm lugar nesse território, no plano dos encontros. Trabalhamos as cartografias das produções intensivas dos encontros no Ceco, nas vertentes do trabalho, da clínica e da gestão deste equipamento, entendendo essas frentes como eixos inseparáveis dos processos de produções sensíveis e contra hegemônicos diante dos modelos tradicionais de produção de saúde. Tratam-se de experiências que desencadeiam processos inclusivos e singulares que, produzidos nos encontros, constituem comunidades e subjetividades coletivas, ampliando as possibilidades de cuidado expandindo a vida. A pesquisa dialogou com a contribuição dos autores da filosofia da diferença, saúde coletiva, saúde mental e micropolítica do trabalho vivo.

Palavras-chave: Saúde mental. Terapia Ocupacional. Oficinas terapêuticas. Subjetividade. Diferença (Filosofia).

ALEIXO, Juliana Maria Padovan. **COMMUNITY CENTER AND WARNING PSYCHOSOCIAL: Producing and Inventing Meetings Within Diversity.**

2016. 124 p. Dissertation (master's degree in psychology). – Faculty of Science and Letters, State University Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

ABSTRACT

This study focuses on the managing experience of a community center in Campinas that is part of a psychosocial network under the concepts and entities of the Psychiatric Reform, SUS, and Psychosocial Attention, under the light of practices in the fields of art, culture, and leisure. The community center and its sensitive and intensive set of productions are the main focus of our study, which made it possible for us to analyze the diverse array of mixed productions obtained through the meeting of different groups. We worked on the productions taking place during gatherings in the community center dealing with themes such as work, clinic and management in the context of an integrated approach that contrasts with traditional models of health protection. These pertain to experiences that yield unique inclusive processes which, produced during the meetings, result in collective communities and subjectivities that increase life assistance possibilities. Our research interacted with authors of the philosophy of difference, collective and mental health as well as live work micro-politics.

Key words: Mental Health. Occupational Therapy. Communities. Subjectivity. Collective.

SUMÁRIO

ABERTURA.....	16
Capítulo 1: Cartografias de um itinerário.....	21
1.1 Implicações de um trajeto.....	21
1.2 Sobreimplicações.....	25
Capítulo 2: Um pouco de história.....	29
2.1 Contexto Histórico: Reforma Psiquiátrica e Atenção Psicossocial.....	29
2.2 Centros de Convivência.....	31
2.3 Centros de Convivência em Campinas.....	34
2.4 Centro de Convivência Rosa dos Ventos.....	38
Encontros vividos 1: Muito prazer Ceco Rosa dos Ventos.....	40
Capítulo 3: Cartografias da Pesquisa.....	44
3.1 A Cartografia, O Cartógrafo, O Centro de Convivência.....	44
Capítulo 4: Plano de Produções dos Encontros no Centro de Convivência Rosa dos Ventos	55
4.1 Produções.....	55
4.2 Produções Híbridas: Arte, Cultura e Clínica.....	59
4.3 Encontros vividos 2: Dançando no Ceco.....	61
4.4 Produções na dimensão do trabalho.....	67
4.4.1 Trabalho Afetivo.....	67
4.4.2 Grupo de artesanato.....	69
4.4.3 Encontros vividos 3: Entre linhas e afetos.....	70
4.4.4 Produções da Micropolítica do trabalho vivo em ato.....	76
4.4.5 Encontros vividos 4: Micropolítica do trabalho afetivo em ato: Essência singular, uma vida.....	81
4.5 Produções em gestão: Territórios da gestão.....	88
4.5.1 Ferramentas em gestão.....	90
4.5.2 Desterritorializações: Bazar em supervisão.....	91
4.5.3 Encontros vividos 5: Construções coletivas produzem coletividade.....	94
4.5.4 Reterritorializações: Gestão poética- função heterogênea.....	96
4.5.5 Encontros vividos 6: Saídas.....	98
Capítulo 5: O encontro com as imagens.....	104
5.1 Marcadores do tempo... intercessores das intensidades.....	104

ENCERRAMENTO	109
REFERÊNCIAS	114









**Todas as fotos deste trabalho são de autoria da psicóloga e fotógrafa
Ana Dourado.**

ABERTURA

...mas um olhar refinado ao que é pequeno, ao mínimo, ao quase invisível que se engendra nos contatos...

Liberman e Lima

Numa tarde de quinta, dia comum de intensos encontros no Centro de Convivência Rosa dos Ventos, aproveitamos a grande circulação de frequentadores e demos início à nossa assembleia.

Os ataques aos projetos da saúde mental nesses últimos anos em Campinas foram escancarados em linhas duras de disputas de modelos, intimidações, poder e autoritarismos sob a forma de legalismos e judiacilização da vida, dos corpos que capturam qualquer possibilidade de criação e abertura ao novo. Diante desses ataques, os Centros de Convivência (Cecos ou Ceccos) sustentaram-se em linhas frágeis, porém intensivas, sob as ameaças de fechamento, perdas de suas sedes próprias, propostas de diminuição de trabalhadores e gestores, remanejamentos de equipes, etc.

Era preciso compartilhar com o grupo de frequentadores do Ceco as fragilidades que um serviço-margem apresenta, principalmente num cenário político de retrocessos ao campo das políticas públicas. Não vivemos movimentos retrógrados apenas nos campo da saúde/saúde mental, mas em toda extensão das frentes sociais públicas. Havia muito que conversar.

Movimentos perversos com a vida. Mas que não puderam silenciar a história de luta, militância, implicação e compromisso que trabalhadores e gestores manifestam desde os primórdios da luta antimanicomial. Há quem diga o quão difícil é lidar com os trabalhadores da saúde mental... Uma história de reivindicações de direito à vida, de inclusão, de coletivos em ato. Sim damos muito trabalho, mesmo se hoje o enfrentamento não seja como há trinta anos. Os manicômios mais duros a serem enfrentados são mentais, as práticas mais excludentes são dissimuladas no discurso da legalidade, normatização e homogeneização.

Assim, era preciso construir protagonismos e empoderamentos num cenário onde o coletivo foi “sequestrado” (Nunes, 2004), o público expropriado das relações,

onde o investimento está no enfraquecimento dos laços sociais a favor dos individualismos, numa cultura da desconfiança (Teixeira, 2004).

Coletivizar experiências é torná-las próximas e possíveis de serem movimentadas por múltiplos atores. O Ceco só faz sentido numa experimentação em rede, num agenciamento coletivo.

Assim, após a exibição de um pequeno vídeo produzido por algumas trabalhadoras, que nos envolveu com sensíveis imagens dos encontros produzidos no Ceco, abriu-se a conversa sobre o momento político e suas consequências para os serviços da saúde mental e consequentemente para o Ceco. Os usuários que encheram nossa sala começam então a refletir...

O que podemos fazer para dar visibilidade para esse espaço?

Vamos ajudar no abaixo-assinado e explicar para as pessoas porque precisamos de um espaço como esse!

Como podemos ajudar? O que podemos fazer?

Vamos divulgar o que acontece aqui! Tem coisa que é melhor mostrar do que falar!

Essa dificuldade com a prefeitura parece casamento acabando. O Cândido Ferreira é a mulher que fica com os filhos e a prefeitura é o marido que não quer pagar pensão! [risos]

Porque coisas boas como esse espaço sempre acabam?

Precisando, a gente vai dançar lá na prefeitura! Quero ver tirar a gente daqui! Esse espaço é nosso!

Segue-se, após essas falas, à escrita dos afetos encontrados no Ceco, em pequenos quadrados de EVA que foram distribuídos aos presentes, e depois colados numa grande árvore de desejos. Targetas que ainda enfeitam nossa sala de grupos corporais, frases que exprimem o trabalho afetivo em ato produzido nos encontros no Ceco.

Essas frases falam de produções intensivas captadas pelos corpos vibráteis em presença, zonas moleculares de produção onde se agenciam intensas mutações, subjetividades retorritorializadas ao plano do comum, conhecimento daquilo que, nos outros corpos, entra em relação de composição com o nosso, nos

aproxima, nos liga, nos conecta e nos faz experimentar afetos aumentativos de alegria e potência. Sensibilização de afetações, expansão da vida.

São essas experiências de produção dos encontros vividos no Ceco que esse trabalho busca cartografar.

Há muito dos encontros aqui vividos que não se expressam por palavras, conceitos, referências. Buscamos compor, então, nesse trabalho, uma “estratégia linguageira” que apresentasse uma multiplicidade da produção do Ceco que se fez em mim como pesquisadora.

O trabalho foi composto pela contextualização histórica da constituição dos Cecos, por narrativas dos encontros vividos, por textos reflexivos, que buscaram pensar as produções dos encontros nos territórios do trabalho-gestão-clínica, por poesias, letras de músicas e fotografias. O pensar com as imagens engendrou-se enquanto construção metodológica desta pesquisa, intercedendo à escrita e o pensamento ao lado dos autores e amantes da filosofia da diferença.

A perspectiva desse trabalho não é propor modelos ou formas de se fazer, mas acompanhar as intensivas experiências dos encontros vividos no Ceco.

Assim, podemos dizer que o encontro do cartógrafo com o mundo foi, neste trabalho, “criação permanente e delicada, sem garantias, para saber um pouco mais de si, abrir e ampliar repertórios e conectividades com o mundo e para experimentar o que o corpo pode” (Lieberman e Lima, 2015, p.190).





Capítulo 1: Cartografias de um itinerário

1.1 Implicações de um trajeto

Bem atrás do pensamento tenho um fundo musical. Mas ainda mais atrás há um coração batendo. Assim, o mais profundo pensamento é um coração batendo.

Clarice Lispector

Meus primeiros encontros em um Centro de Convivência aconteceram no aprimoramento em saúde mental na Unicamp em 2004. O espaço institucional não era novo, já era conhecido dos estágios em saúde mental da Terapia Ocupacional. Voltava, assim, ao Serviço de Saúde Cândido Ferreira.

Porém o momento era novo, e o Centro de Convivência e Arte (Localizado junto à sede do Serviço de Saúde Cândido Ferreira) foi o espaço escolhido para minha inserção. As supervisoras do aprimoramento contribuíram para minha escolha, orientando o quanto se tratava de um espaço com grande intersecção com a arte, tema que já apresentava como grande interesse desde a graduação em Terapia Ocupacional. Ou melhor, desde muito antes da graduação em TO. Profissão esta escolhida também pela possibilidade em agenciar e agregar minhas formações em música e dança.

Nesta experiência, já encontro uma grande marca do Centro de Convivência enquanto potente espaço de formação, de construção da clínica, dos agenciamentos possíveis desse campo tão diverso que se apresenta nos territórios da atenção psicossocial.

Início minhas primeiras experimentações como terapeuta ocupacional nesse campo propício de encontros com a diversidade. Aos poucos, vou adquirindo intimidade com a linguagem das oficinas, dos grupos, das atividades não programadas, do espaço aberto ao inusitado, do olhar para a ambiência, o estar atento àquilo que conecta, que desvia, que provoca potência, desvia do que normatiza, do que massifica e procura o que singulariza, subjetiva, compõe, agrega, cria.

Ali, compreendo as dimensões da clínica e a grande potência das intervenções que se atravessam pelas artes. Experimentar a dança, a música, a pintura, o artesanato, enquanto possibilidades expressivas, enquanto agentes de transformação, faz refletir de que forma os encontros podem operar como eixos de movimentação, traçando abertura aos devires, aos afetos, possibilitando expressões de cuidado no encontro com a experiência.

A escolha pela saúde mental, e pelo Ceco como espaço de experimentação e vivência, revela a potência dos encontros mediados pela arte, pela clínica, pela loucura como expressão e me leva a uma busca em lidar com a vida e não apenas com a doença, ainda que as forças que decompõem os corpos também atravessem o pulsar de toda existência.

Após o aprimoramento, passo a compor, por meio de processo seletivo, o quadro de trabalhadores como terapeuta ocupacional de um Caps III em Campinas. São quatro anos de intensas experiências no Caps, na rede de saúde mental, agregando as experiências do Centro de Convivência, com o qual mantive contato indo semanalmente com um grupo de usuários do Caps para o ateliê de artes do Ceco. Nesse momento, o Centro de Convivência e Arte, antes localizado junto à sede do Cândido Ferreira, havia se mudado, ficando mais próximo do Caps em que trabalhava.

Após a experiência de trabalho no Caps, em 2009, me lanço ao desafio da gestão de um Centro de Convivência. Chego, assim, após processo seletivo, ao Ceco Rosa dos Ventos, campo dessa pesquisa, localizado na região sul de Campinas.

No Ceco, a intersecção gestão-clínica traz um constante desassossego. Ocupamos lugares desestabilizados a cada momento, cada encontro pede formas distintas de agenciamentos, sendo necessária grande flexibilidade do lugar do trabalhador-gestor.

Os incômodos se expandem à medida que o espaço da gestão sob os olhares hegemônicos se circunscreve ao que cabe nas planilhas, ao controle dos corpos-trabalhadores, à disputa pelo poder, aos modelos de eficiência e produtividade. Lógicas gerencialistas que invadem os espaços de gestão na atualidade. Responder por uma saúde produzida nesses moldes não nos permite captar o que há mais intensivo no Ceco.

Não há moldes para que o se produz nos encontros no Ceco. Não há espaços abertos e coletivos de conversações para compartilhar essas experiências. Os retrocessos vividos no campo da saúde mental hoje nos deixam num árido terreno, onde imperam os silêncios, as práticas reducionistas, médico-centradas, as disputas corporativas, a docilização dos corpos-trabalhadores-gestores.

A marca da militância na saúde mental, as lutas, as transformações das práticas se reconfiguram no cenário atual. Militar hoje na saúde mental é resistir. Insistir nas brechas possíveis e aí sim fazer vazar a diversidade, fazer *com*, coletivizar experiências: “Indiferença a tudo que cheira a vontade de homogeneização, mas cumplicidade também com todo e qualquer movimento de entrega e de diferenciação” (Rolnik, 1995, p. 6).

Dessa inquietação em não encontrar meios para falar de experiências tão intensivas vem a possibilidade dessa escrita, na intenção de encontrar formas possíveis para falar com as experiências, dar passagem para que as mesmas possam se expressar.

Falar das experiências, compartilhar, dar visibilidade ao vivido. Textos, poesias, encontros vividos, cenas do cotidiano, fotografias, imagens dos afetos em circulação, autores intercessores na complexa e corajosa tarefa de pensar *com*. Essa escrita anseia em coletivizar a produção dos encontros sensíveis de um serviço-dispositivo que instiga e mostra ser possível produzir mutações subjetivas naqueles que percorrem esse trajeto.

A escrita enquanto movimento de resistência, ato político de afirmação das experiências de potência e de análise das capturas, nos faz dialogar, produzindo linhas de fissura, diante das constantes ameaças aos projetos que potencializam a vida, como os projetos da saúde mental, os projetos do SUS e conseqüentemente dos Cecos.

Para Deleuze (2011), escrever é sempre um caso de devir, sempre inacabado, em via de fazer-se e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida.

É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir molécula, até num devir imperceptível. Esses devires encadeiam-se uns nos outros segundo uma linhagem particular... Ou então coexistem em todos os níveis... (Deleuze, 2011, p.11).

O desafio foi pensar com a escrita, na escrita, no processo da pesquisa, analisar as implicações em curso, tornar visível e audível as forças que atravessam, nos afetam e nos constituem cotidianamente, trazendo para o campo da análise sentimentos, percepções, associações, ações, acontecimentos, seus efeitos e o que se coloca em funcionamento, com o que se agencia.

A pesquisa foi construída, assim, enquanto processo, enquanto pesquisa-intervenção, onde as relações de sujeito e objeto, pesquisador e campo de pesquisa são colocados em análise.

Para enfrentar esse desafio, foi preciso fazer uso da ferramenta da análise de implicação, que surge da ampliação para o campo institucional dos conceitos de transferência e contra-transferência utilizados pela psicanálise a partir do movimento da psicoterapia institucional, ocorrido na França nos anos 1950 (Coimbra & Nascimento, 2004).

A ideia central deste conceito traz a crítica radical ao positivismo e a sua crença na neutralidade científica. Opondo-se, assim, ao intelectual neutro-positivista, a Análise Institucional fala sobre o intelectual implicado, que analisa suas implicações, suas pertenças, suas referências, suas práticas, sua história (Coimbra & Nascimento, 2004).

Desta forma, coloca-se em análise o lugar que se ocupa na divisão social do trabalho na sociedade capitalista, nas relações sociais em geral e não apenas no âmbito da intervenção que está sendo realizada.

Implicado sempre se está, quer queira ou não, visto não ser a implicação uma questão de vontade, de decisão consciente ou ato voluntário, Ela está no mundo, pois é uma relação que sempre estabelecemos com as diferentes instituições com as quais nos encontramos que nos constituem e nos atravessam. (Coimbra e Nascimento, s/ano, p.3)

Coimbra e Nascimento apresentam a análise de implicação como um dispositivo. Para Foucault, os dispositivos são, segundo Deleuze (1996), “máquinas de fazer ver e falar” e “estabelecem o vai e vem entre o ver e o dizer, agindo como flechas, que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras, sem que isso deixe de conduzir a batalha” (p. 4).

Eles, “os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de brecha, de fissura, que

se entrecruzam e se misturam, acabando umas por dar noutras, ou suscitar outras...” (Deleuze, 1996, p.89).

Dessa forma, pensando a análise de implicação enquanto dispositivo, a mesma se apresenta sempre como micropolítica, encontrando-se no plano da imanência, no plano dos encontros onde se produzem enunciações, onde se presentificam o “fazer ver e falar”, tornando visível e audível as forças que nos atravessam, nos afetam e nos constituem cotidianamente (Coimbra e Nascimento, s/ano).

Assim, pensar a análise de implicação como dispositivo, nos faz recusar os universalismos, as totalizações e unificações, afirmando as processualidades, singularidades e multiplicidades. Trata-se de empreender uma constante e cotidiana análise dos lugares por nós ocupados e das forças que nos atravessam em diferentes momentos de nossa história (Coimbra e Nascimento, s/ano).

1.2 Sobreimplicações

Dessa forma, também se faz necessário olhar para as forças de captura, as linhas duras, os movimentos de manutenção do status-quo, as cristalizações. Há grande tendência, ao ocupar o lugar pesquisador-gestor-trabalhador, em apresentar a produção do Ceco preferencialmente em seu aspecto de potência, possibilidade, conexão. Num incessante validar das práticas, legitimando-as precipitadamente.

Assim, a sobreimplicação também aparece como importante componente de análise deste trabalho. O profissional sobreimplicado responde naturalmente à demanda instituída, ocupando o lugar que se designa sem questionar-se.

Para Lourau (1993), a sobreimplicação é a crença no sobretrabalho, no ativismo da prática, que pode ter como um de seus efeitos a dificuldade de se processar análises de implicações, visto que todo o campo permanece ocupado por um certo e único objeto. A análise das práticas se faz de forma isolada, tomada num único nível, impossibilitando que outras dimensões se façam presentes.

O profissional sobreimplicado responde ao lugar institucional produzido, impondo e naturalizando a necessidade de respostas rápidas e competentes

tecnicamente. Assim, prioriza-se as técnicas, o que se faz, como se faz e nunca o para que se faz.

Coimbra e Nascimento (2004) dizem que o acúmulo de tarefas e a rapidez em dar respostas competentes tecnicamente alimentam a sobreimplicação. E é preciso lembrar que este funcionamento atende com perfeição à lógica capitalista contemporânea, aos espaços da gestão, contribuindo para a fragilização dos espaços coletivos e institucionalização das práticas.

Na contemporaneidade, a sobreimplicação faz parte do mundo globalizado; é importante pensá-la enquanto construção histórica, colocando-a em análise, não a compreendendo apenas como algo negativo, saindo assim do binarismo, dos universalismos e homogeneizações.

Analisar nossas implicações no cotidiano, nossas sobreimplicações, são estratégias de fortalecimento de potências e restituição dos coletivos.

Inventar formas de superar o “modo-de-ser-indivíduo” e, apesar das exigências que nos tem sido impostas, conseguir fomentar redes de parcerias, de debates, de análises, tem sido alvo de nossas preocupações. (Coimbra e Nascimento, 2004, p. 9)

Estar alerta às forças que nos atravessam, dialogando com questões possíveis de serem transformadas ou apresentadas sob novas perspectivas, afirmar propostas que apontem para as linhas de fuga na possibilidade de experimentar desvios e movimentos nos ajuda a tornarmo-nos profissionais da vida, em defesa da vida. Essa é a aposta.





Capítulo 2: Um pouco de história...

2.1 Contexto Histórico: Reforma Psiquiátrica e Atenção Psicossocial

Há cerca de trinta anos vimos experimentando no Brasil lógicas diferenciadas no campo da atenção e cuidado à saúde mental. Até então, a assistência psiquiátrica centrava-se em hospitais-asilos, operando no modelo manicomial e asilar, com foco na remissão de sintomas, super-medicalização, resultando em processos de exclusão social, onde a própria condição institucional tornava essas internações permanentes ou intermitentes.

Alguns marcos históricos aliados a fundamentos teóricos e ideológicos (SUS, Reforma Psiquiátrica, Atenção Psicossocial) foram decisivos para a desconstrução gradativa do modelo manicomial e asilar, que excluía o sujeito em tratamento do convívio social, para a criação de uma ampla rede de cuidados, no interior da qual foram sendo construídas formas alternativas de tratamento ao modelo asilar,¹ com foco da assistência no território, no meio social e cultural. O modelo passa a ser o cuidado em saúde e não apenas a busca pela ausência da doença.

Em 1987, o Movimento dos Trabalhadores da Saúde Mental com o lema “Por uma sociedade sem manicômios” remete à sociedade a discussão sobre a loucura, os manicômios, a doença mental, a psiquiatria e os direitos humanos. A Constituição de 1988, com a criação do SUS, estabelece princípios fundamentais para o cuidado em saúde, como a universalidade, a equidade e a integralidade.

Em 1989, o projeto de Lei n. 3657/1989, de Paulo Delgado, ao propor a extinção progressiva dos manicômios e sua substituição por outros recursos assistenciais, desencadeou um amplo debate nacional de discussão permanente da psiquiatria em diversos setores sociais. Em 1990, a Organização Mundial de Saúde, adota diretrizes pactuadas na Declaração de Caracas como marco na reestruturação da atenção psiquiátrica nos sistemas locais de saúde (Amarante, 1994).

¹ Entendendo enquanto Modo Asilar um conjunto de saberes e práticas que determinam as relações de produção da verdade sobre a loucura. A figura emblemática do Modo Asilar se concretiza através dos hospitais psiquiátricos, conhecidos como manicômios. No entanto, o campo de ação do Modo Asilar vai muito além da materialidade concreta exemplificada por esta figura.

Em 2001, foi assinada a Lei n. 10.216, que dispõe “sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental”. Porém seu texto final está distante do projeto aprovado em 1989:

No primeiro, temos uma proposta de substituição de modelo e, no outro, de proteção, de direitos e redirecionamento. A mudança não foi apenas semântica, mas de essência. Transformada em um texto tímido, a lei aprovada mantém a estrutura hospitalar existente, regulando as internações psiquiátricas, e apenas aponta para uma proposta de mudança de modelo assistencial. (Yasui, 2010, p. 63)

A mudança de modelo e suas conseqüentes práticas propõem intensos desafios no cotidiano de trabalho dos profissionais da saúde e nos colocam num terreno complexo de enfrentamento à institucionalização no cenário nacional. As portarias tencionam movimentos importantes no cenário das políticas públicas, mas a superação do modelo manicomial em ato nos serviços tem sido território de inúmeros embates. É preciso criar estratégias aliada às transformações históricas, políticas e sociais.

Nesse sentido, conectar-se aos fundamentos da Atenção Psicossocial, entendendo esta como um “conjunto de ações teórico-práticas, político-ideológicas e éticas norteadas pela aspiração se substituírem o Modo Asilar e algumas vezes o próprio paradigma da Psiquiatria” (Costa-Rosa, Luzio & Yasui, 2003, p. 31), significa estar atento aos riscos de se recair na alienação do que já está instituído e se coloca em movimento contínuo de desfazer e fazer, desconstruir e construir (Costa-Rosa & Yasui, 2008, p. 35).

Trata-se de estratégias que contribuem para um intenso processo histórico de mudanças no campo da saúde mental e saúde coletiva, tendo como elemento nuclear a desinstitucionalização, compreendida como um processo de ruptura com o modelo asilar e uma proposta de nova relação com as experiências de sofrimento psíquico, oferecendo tratamento no território, produzindo a reaproximação de pacientes na comunidade, repensando as condições de cidadania e desenvolvendo ações coletivas para fortalecimento de processos democráticos e construídos com os usuários.

Assim, a Estratégia de Atenção Psicossocial:

Afirma um paradigma que situe a saúde mental no campo da saúde coletiva, compreendendo o processo saúde-doença como resultante de processos sociais complexos e que demandam uma abordagem interdisciplinar, transdisciplinar e intersetorial, com a decorrente construção de uma diversidade de dispositivos territorializados de Atenção e de cuidado. (Costa-Rosa, Yasui, 2008, p.29)

Coloca-se, assim, em curso a construção social de uma nova relação com a loucura e com o sofrimento mental, como também maior desenvoltura da complexa “caixa de ferramentas” (Merhy, 2002) das equipes para lidar nos territórios do cuidado.

Esses princípios desencadearam propostas para formação de uma importante rede de atenção à saúde, substitutiva ao modelo asilar. Outras formas de tratar, pensar e lidar com a saúde mental.

A rede composta por esses equipamentos vêm substituindo progressivamente o modelo hospitalocêntrico e manicomial, de características excludentes, opressivas e reducionistas. Em seu lugar vem sendo construído um sistema de assistência orientado pelos princípios fundamentais do Sistema Único de Saúde (universalidade, equidade e integralidade), acrescido da proposta de desinstitucionalização - cujo alcance ultrapassa os limites das práticas de saúde e atinge o imaginário social e as formas culturalmente validadas de compreensão da loucura. (Bezerra, 2007, p. 243)

Em Campinas, campo desta pesquisa, o processo de Co-gestão entre o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira e a Prefeitura Municipal, iniciado em 1990, desencadeia a ampla construção dessa rede. Composta por Centros de Atenção Psicossocial (CAPS 24hs adulto, Caps infantil, Caps álcool e drogas), Oficinas de Trabalho e Renda, atenção à saúde mental na atenção básica, leitos psiquiátricos em hospitais gerais, Serviços Residenciais Terapêuticos, Consultório na Rua, Núcleo de Retaguarda (leitos de internação em serviço especializado) e também os Centros de Convivência, destaque desta pesquisa.

2.2 Centros de Convivência

A nomenclatura Centro de Convivência é designada ainda no interior do hospital psiquiátrico Juqueri, ao se iniciarem as primeiras experiências de circulação dos usuários em atividades diversas, num espaço criado para socialização. Há relatos também de espaços similares, com a mesma nomenclatura, na Casa de

Saúde Anchieta em Santos, cidade fundamental no processo social complexo da Reforma Psiquiátrica.²

Os Centros de Convivência (Cecos - Centros de Convivência ou Ceccos - Centros de Convivência e Cooperativas), agora instituídos enquanto serviços fora dos hospitais psiquiátricos, são espaços pensados no decorrer do processo da Reforma Psiquiátrica e Atenção Psicossocial, como espaços de circulação, inclusão, socialização e promoção de encontros entre os usuários da saúde mental e a população/comunidade geral.

As primeiras experiências nasceram no município de São Paulo, no final na década de 80, a partir de uma abertura no cenário político, no governo de Luiza Erundina. Eram serviços intersecretariais, afinados com o ideário da Reforma Psiquiátrica e, portanto, com a superação do modelo hospitalocêntrico (Galletti, 2004).

Os Cecos surgiram como dispositivo de uma rede articulada de atenção à saúde mental, porém, com estratégias de ações diferentes dos demais equipamentos de saúde, tendo como foco a produção de encontros, convivência, através de oficinas, grupos e ações comunitárias, alinhado com a ideia de promoção à saúde.

Este serviço - o Centro de Convivência e Cooperativa (Cecco)- com características específicas quanto ao seu modo de funcionamento, tinha como principal instrumento de intervenção com os usuários, o trabalho com as oficinas. Inspirado nos princípios da Reforma Psiquiátrica, esse equipamento tinha, em sua concepção, a proposta fundamental da Reabilitação Psicossocial dos usuários da saúde mental, isto é, o trabalho das oficinas tinha, como finalidade, inserir os pacientes no circuito social. (Galletti, 2004, p. 51)

O maior objetivo deste equipamento está em produzir, mediar e investir em formas possíveis de encontros e convivência com a diversidade, buscando inclusão, cuidado, pertencimento, grupalidade e descoberta de outras formas possíveis de expressão da vida. Pensando a inclusão aqui enquanto conexão, enquanto fabricação de redes sociais.

Problematizando essa concepção de inclusão, entendemos que os Cecos podem fazer mais do que “incluir pessoas excluídas”. Os Cecos têm

² Informações compartilhadas, em nossa linha de pesquisa, em grupo de orientação com Silvio Yasui.

fabricado novos modos de sociabilidade, ou formas de sociabilidade alternativa, da qual todos nós estamos excluídos, na medida em que todos nós somos privados pelo projeto neoliberal de sociedade de viver um modo de convivência que valorize a ação coletiva. (Ferigato, 2013, p.101)

Os Cecos trazem, em seu núcleo, a ruptura com o modo hegemônico de pensar a saúde apenas como remissão de sintomas. Trata-se de um equipamento idealizado a partir das diretrizes do SUS e Atenção Psicossocial, onde se promove a convivência produtora de inclusão mediada pelo cuidado.

Para tanto, utiliza-se de espaços de produção, desenvolvendo oficinas de artes, esportes, artesanato, auto-cuidado, práticas integrativas, dança, teatro, com objetivo de desenvolver potencialidades, intersubjetividades, trocas, aprendizados, experimentação e construção de um campo diversificado na produção de encontros.

Esses parâmetros norteiam as ações das equipes do Ceco e suas relações com o território, com a rede de saúde, com a comunidade, fazendo interfaces com ações culturais e artísticas buscando construir na relação com diversos setores do território a intersectorialidade.³

Para garantir o cuidado técnico e qualificado dessas ações, frente a essa ousada tarefa, os Cecos em São Paulo foram se estruturando com equipes formadas por profissionais como psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, educadores, fonoaudiólogos, sociólogos e equipes de apoio (administrativo, higiene, vigia). Essa equipe, “inventora-facilitadora da convivência” (PMSP, 1992), buscava criar possibilidades múltiplas de comunicação, oferecendo não mais uma “instituição total”, mas um espaço institucional aberto, assim como um porto, de onde se podia partir e para onde se podia voltar (Galletti, 2004).

Atualmente, não se conta com a equipe proposta inicialmente nos Cecos em São Paulo, e há grande preocupação com a continuidade das experiências existentes, tendo em vista que são um dos poucos serviços próprios da prefeitura e um número expressivo de profissionais estão em processo de aposentadoria.

³ Yasui nos aponta um caminho para pensar a intersectorialidade: “Articular ações integradas com os campos da Educação, Cultura, Habitação, Assistência Social, Esporte, Trabalho, Lazer, com a Universidade, o Ministério Público e as ONGs, significa construir um processo que envolve um intenso diálogo, o qual pressupõe reconhecer e respeitar as especificidades e as diversidades de cada campo; explicitar os conflitos e os interesses envolvidos, para que se possam negociar e pactuar ações; unir potências, produzir encontros ao redor dos temas que perpassem por todos esses campos, a saber: a melhoria da qualidade de vida, a inclusão social e a construção da cidadania da população” (Yasui, 2010, p. 155).

Recentemente, os Cecos foram contemplados timidamente na política de saúde mental, através da Portaria Ministerial 3088 de dezembro de 2011, que oficializa a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), e localiza esses equipamentos no eixo da Atenção Básica e definindo-os como:

Unidade pública articulada às Redes de Atenção à Saúde, em especial à Rede de Atenção Psicossocial, onde são oferecidos à população em geral espaços de sociabilidade, produção e intervenção na cultura e cidade. Os Centros de Convivência são estratégicos para a inclusão social das pessoas com transtornos mentais e pessoas que fazem uso de crack, álcool e outras drogas, por meio da construção de espaços de convívio e sustentação das diferenças na comunidade e em variados espaços da cidade. (Portaria 3088, 2011)

No entanto, ainda não há uma regulamentação ministerial específica para os Cecos, situação que fragiliza esses serviços colocando-os à margem dos investimentos direcionados às políticas públicas. Há o reconhecimento de sua existência e expressão nas práticas de cuidado, mas não conta-se ainda com o comprometimento em torná-los serviços regulamentados com investimentos próprios, compondo no cenário com outros serviços da RAPS, fortalecendo as frentes alternativas ao modo asilar.

Atualmente, há uma grande mobilização dos Cecos em Campinas, São Paulo, Embú das Artes e Belo Horizonte, no sentido de agregar parcerias e construir diretrizes que possam embasar portarias, parcerias intersetoriais e maior envolvimento de atores políticos que viabilizem maior sustentação aos projetos.

2.3 Centros de Convivência em Campinas

Em Campinas, os Cecos não se estruturam a partir de uma regulamentação municipal e, frequentemente, não contam com profissionais contratados especificamente para esses serviços ou funções. As experiências nasceram de diversas formas, no bojo dos movimentos da Reforma Psiquiátrica e do processo de co-gestão entre o Serviço de Saúde Cândido Ferreira e a Prefeitura Municipal de Campinas, que se iniciou em 1990. Na medida do possível, buscou-se assimilar os princípios e características do modelo dos Cecos de São Paulo, no tocante à definição de espaço, população-alvo, atividades e objetivos.

São serviços na maioria das vezes, não planejados burocraticamente, não vinculados diretamente às ações da gestão central, mas fruto de movimentos sociais de trabalhadores, usuários, de iniciativas de cooperação entre instituições e comunidades, movimentos instituintes que se consolidam numa forma-Centro de Convivência que escapa às exigências e burocracias sanitárias, arcando com os ônus positivos e negativos desta característica. (Ferigato, 2013, p.120)

Os primeiros projetos se instituíram a partir de 1997, com a prática de alguns profissionais da saúde que trabalhavam em CAPS e Centros de Saúde, aliados a experiências coletivas e movimentos comunitários, em parcerias com ONGs, núcleos assistenciais, casas de cultura, projetos ligados à educação, como a Fumec (Fundação Municipal de Ensino Comunitário), etc.

Os frequentadores que acessam os Cecos em Campinas chegam através de distintas redes. São pessoas da comunidade local que “descobrem” o serviço de forma espontânea ou chegam por indicação de outros frequentadores. Há também os encaminhamentos construídos com os Caps, Centros de Saúde, Serviços Residenciais Terapêuticos, Núcleos assistenciais, Escolas e distintos equipamentos do território, além de frequentadores que chegam também de bairros distantes e até de cidades próximas.

Os espaços físicos também refletem uma grande diversidade. Há Cecos em espaços públicos, como praças, antigos centros comunitários, ONGs e outros que se estabelecem em casas alugadas, onde se faz necessário um grande trabalho para tornar público o espaço físico. Hoje, Campinas conta com oito Cecos, distribuídos em cinco distritos de saúde do município.

Sobre a diversidade de instauração e constituição dos Cecos, Ferigato (2013) comenta:

Valorizamos esse movimento diverso da constituição dos Cecos em Campinas, pois ele expressa por um lado, o caráter transdisciplinar desse dispositivo e por outro sua resistência em ser capturado por movimentos instituídos da Atenção Básica ou da Reforma Psiquiátrica, como acontece em muitos municípios com serviços como os Caps ou Centros de saúde (...). Os Cecos anunciam a partir da diversidade de suas possibilidades de nascimento, sua multiplicidade de conexões a diferentes institucionalidades, a diversos movimentos sociais e políticos, não estando capturado previamente como um dispositivo exclusivo da Reforma Psiquiátrica ou de qualquer outro campo. (Ferigato, 2013, p. 109)

A história de cada Ceco traz aspectos que imprimem marcas em sua

constituição, transformando cada um numa proposta singular. O modo como se produzem os encontros, como se pensa a convivência, o modelo de saúde, o envolvimento da comunidade em cada Ceco tem registros próprios que não estão desvinculados de suas trajetórias.

Ainda assim, muitos aspectos se produzem em rede e, para fortalecer esta rede, são desenvolvidas diversas estratégias, entre elas o Fórum dos Cecos de Campinas, espaço coletivo aberto de compartilhamento das experiências, criado em 2005.

Espaço organizado por profissionais e gestores implicados com o projeto dos Cecos, abriga discussões técnicas e políticas e vem trabalhando no sentido de definir parâmetros mínimos para o funcionamento dos serviços, como objetivos, constituição de equipes, estratégias, indicadores, formas de registros, banco de dados, faturamento etc. Dessa forma, se dá início à construção de propostas que buscam viabilizar uma política de convivência legitimada pela gestão central, intermediária e local no município.

Além disso, instaura um processo de criação de parcerias entre os próprios Cecos, cria um movimento de cooperação mútua e resistência à avalanche da hegemonia em saúde centrada na doença e em ações curativas e prescritivas que insistem em manter os Cecos na invisibilidade. (Ferigato, 2013, p.115)

Destacamos, em 2008, como ação deste Fórum, a elaboração de um documento alinhando princípios e diretrizes dos Cecos em Campinas, com propostas de equipe mínima, ações intersetoriais, registros e indicadores, legitimado pela Conferência Municipal de Saúde Mental em 2010.

Entre 2009 e 2011, o CETS (Centro de Estudos do Trabalhador da Saúde) junto ao Fórum dos Cecos, desenvolveu uma pesquisa avaliativa sobre esses serviços, incluindo diferentes grupos de interesses (trabalhadores, gestores, usuários, parceiros, voluntários...), mapeando a extensa rede de conexões que os Cecos estabelecem, as ações desenvolvidas, o impacto para os usuários, para a rede, contribuindo para o fortalecimento desses espaços no território.

Em 2011, o Fórum dos Cecos disparou a realização do I Encontro Estadual de Centros de Convivência em Campinas, em parceria com Secretaria Municipal de Saúde e com o CRP. Nesse encontro, houve a participação de mais de 400 pessoas de todo estado, além de representantes do Ministério da Saúde, onde se registrou

propostas de regulamentação, fortalecimento de ações intersetoriais, ações em rede e diversas práticas dos Cecos. Em outubro de 2015, foi lançado um caderno temático sobre os Cecos, organizado pelo CRP desse I Encontro, com os registros das palestras e propostas.

Em 2013, no I Encontro Nacional das Redes de Atenção Municipal (Raps), o Fórum dos Cecos também esteve presente nas rodas de discussão a convite da área técnica de saúde mental do Ministério da Saúde, organizando uma proposta de regulamentação ministerial, alinhando, a partir daí, discussões com as experiências de Belo Horizonte e reativando as aproximações com os Cecos de São Paulo.

As discussões atuais direcionam a necessidade de elaboração de estudos mais sistematizados relativos ao índice de vulnerabilidade do território, à população adstrita, aos indicadores qualitativos e às ações intersetoriais. A definição de referências ou parâmetros mínimos deve movimentar-se dentro dos limites que não representem ameaça à singularidade de cada Ceco e seu território de referência, sendo este mais um desafio.

Destacamos que o município vem, nos últimos anos, sofrendo um importante retrocesso no campo da atenção em saúde, com grande impacto na Rede de Atenção Psicossocial e, assim, iniciativas contra hegemônicas como a dos Cecos vêm enfrentando cada vez mais dificuldades político-estruturais para sua sustentabilidade.

Os impasses políticos na relação de co-gestão entre Prefeitura Municipal de Campinas e Serviço de Saúde Cândido Ferreira vêm fragmentando o funcionamento da rede de saúde mental, esgarçando relações e enfraquecendo os espaços de discussão dos coletivos na rede.

Em relação às equipes, houve Cecos com profissionais transitórios e remanejados de outros espaços aguardando demissão, alguns profissionais concursados precisaram sair dos Cecos gerenciados pelo Cândido Ferreira por conta de ajustes legais, também houve profissionais da instituição que precisaram se retirar de Cecos e que se tornaram da gestão municipal. Situações-limites vivenciadas com violência e intenso sofrimento para trabalhadores, gestores e usuários.

Percebe-se, nesse movimento, a atuação de linhas duras reacionárias, conservadoras, agressivas e higienistas, de extrema intolerância a projetos,

coletivos, sujeitos e atitudes que esboçam quaisquer intenções anti-hegemônicas ou progressistas que refletem a crise no cenário nacional das políticas públicas do SUS, da saúde mental e nos setores econômicos.

Ainda assim, em meio a tantas experiências de intensa desagregação e violência, os Cecos têm se equilibrado na frágil e potente possibilidade de existir, fazer-se presente nas redes de Campinas, intensificando ainda mais a dimensão das experiências junto à seus usuários, trabalhadores, parceiros e gestores. Realiza-se, ali, uma micropolítica em ato, que se agencia frente ao desejo de protagonistas que resistem às forças de decomposição e afirmam a vida e suas inúmeras formas de expressão.

Na Conferência Municipal de Saúde em 2015, destacamos a legitimidade desses serviços reconhecidos pela rede de saúde, evidenciados nas propostas deliberadas pelos conselheiros: adequação das equipes, ampliação dos projetos, criação de novos Cecos, reconhecimento das experiências em andamento, dotação orçamentária, política intersetorial eficaz e regulamentação ministerial. Desejos expressos pela rede de trabalhadores, usuários e conselheiros onde se verifica o reconhecimento do trabalho que os Cecos vêm intensamente construindo e fortalecendo no território.

2.4 Centro de Convivência Rosa dos Ventos

Inaugurado em 2005, o Ceco Rosa dos Ventos nasceu do Caps III da região sul de Campinas em parceria com a Fumec (Fundação Municipal de Ensino Comunitário). Parte da equipe do Caps idealizou um espaço para além do serviço, de circulação e socialização dos usuários com a comunidade local. Iniciaram-se, então, as negociações para o aluguel de uma casa próxima ao Caps.

Com a forte parceria da educação, inicialmente, o espaço foi nomeado Casa-escola Rosa dos Ventos. As ações começaram com as salas de aula para alfabetização de adultos e algumas oficinas de artesanato oferecidas por trabalhadores do Caps. Como não havia uma equipe própria destinada ao serviço, estruturaram-se horas de trabalho de alguns funcionários do Caps para desenvolver as atividades propostas. A coordenação era compartilhada por uma gestora que

coordenava outros dois Cecos, totalizando, com a Rosa dos Ventos, três Cecos sob a mesma gestão, dois na região leste e um na região sul de Campinas.

O Fórum de Cecos de Campinas, como já apresentado, passou a fortalecer a política dos Cecos, estruturando propostas de gestão e equipes próprias. O debate foi ampliado em torno deste tema nos fóruns de saúde mental com trabalhadores e gestores. Nesse momento, a Casa-escola Rosa dos Ventos passou a ser Centro de Convivência Rosa dos Ventos, pois suas ações aproximavam-se das propostas dos Cecos.

Ao longo de quatro anos, alguns profissionais remanejados de outros serviços passaram a compor a equipe do Ceco Rosa dos Ventos e, em 2009, constituiu-se uma gestão única para o serviço. Novas negociações se instauraram com a ampliação da carga horária de alguns profissionais. Em 2012, a sede do serviço mudou, adequando o espaço e a localização; em 2013, houve nova ampliação da equipe, com a vinda de mais um técnico de nível superior.

Atualmente, a equipe é composta por duas técnicas de nível superior (uma psicóloga e uma terapeuta ocupacional), uma monitora, uma assistente administrativa, uma auxiliar de higiene e uma gestora. Há também duas psicólogas, remanejadas da atenção básica, aguardando o processo de demissão da instituição.

Pelo segundo ano consecutivo, o Ceco também é campo da residência multiprofissional, contando com mais uma terapeuta ocupacional, além de campo de estágios e visitas técnicas das graduações de Psicologia e Terapia Ocupacional.

Hoje, entre as atividades propostas, há aquelas que acontecem na sede do Ceco, coordenadas pela equipe, grupos em parceria com outros serviços da rede que também ocorrem espaço do Ceco e grupos itinerantes, que acontecem fora da sede.

Essas atividades incluem diversos grupos de artesanato (Pintura em vidros, madeiras, patchwork, geração de renda, crochê, etc.), dança, Yoga, culinária e contação de histórias; há, também, atividades desenvolvidas em parceria com outros serviços da rede, como o ateliê de artes (em parceria com o Caps III), a música (em parceria com os Serviços residenciais terapêuticos), o papel machê (em parceria com a Fumec e grupo de geração de renda de luminárias em parceria com o Caps ad) e as atividades itinerantes que acontecem fora da sede, em oficinas em que a equipe do Ceco vai até os serviços parceiros, como a Yoga, o artesanato e a

culinária, que ocorrem em Centros de Saúde e num abrigo da assistência social. Grupos de passeios, eventos com a rede, confraternizações diversas também fazem parte da programação do Ceco.

Essas atividades abrangem um conjunto de oficinas, grupos, propostas de encontros, propostas de conexões, propostas de possíveis desvios na produção de cuidados, nas produções de desejos de trajetórias singulares que se expressam nos coletivos.

Muitas trajetórias dizem dessas possibilidades, muitas identidades, outros lugares a serem experimentado a partir dos encontros.

Muitas Marias, Pedros, Paulos, Teresas, Anas...

Encontros vividos 1: Muito prazer Ceco Rosa dos Ventos

Maria chegou ao Ceco Rosa dos Ventos encaminhada pela equipe do Núcleo de Retaguarda, serviço especializado em internações psiquiátricas. Jovem, vaidosa, teve uma crise após o fim de um relacionamento amoroso. Na avaliação da equipe que a acompanhou na internação, não se tratava de um caso a ser conduzido em um Caps. A aposta era pensar o tratamento no Centro de Saúde de sua região e o Centro de Convivência como espaço de cuidado e socialização, evitando, assim, institucionalizar mais um de tantos casos que chegam ao Caps antes da tentativa de outros acessos de cuidado, menos estigmatizantes.

Antes de sua alta da internação, veio com um profissional conhecer o Ceco e participar dos grupos de culinária e dança do ventre, espaços aos quais se manteve vinculada após a alta. No início, vinha ao Ceco acompanhada pela mãe, depois constituiu uma pequena rede apoio e passou a vir com uma das usuárias, que se aproximou dela, agenciando caronas e parcerias, tanto para os grupos como para as atividades externas.

Maria-dançarina-cozinheira apresentou-se com o grupo de dança em diversos espaços, ensinou outras mulheres a se maquiarem, aprendeu algumas receitas na culinária, ensinou outras, ressignificando sua relação com o corpo e com a alimentação. Transitou, circulou, experimentou.

Após alguns meses, trouxe aos grupos o quanto gostaria de trabalhar. Não desejava estar longe do Ceco e dos amigos que ali fizera, mas a necessidade em ajudar financeiramente em casa a mobilizava a procurar emprego. Sua parceira de carona, outra Maria, Maria-amiga-parceira, soube de uma vaga no supermercado da região. Então as duas Marias foram ao local do emprego atrás da vaga disponível. Uma Maria acompanhando a outra.

Conseguiu a vaga e passou a trabalhar. Ao encontrar outros usuários do Ceco, pediu que levasse seus abraços e o agradecimento por ter um espaço onde pode ser cuidada e saber que pode voltar.

Maria pode ser além de usuária da saúde mental, Maria dançarina-cozinheira, Maria-trabalhadora-que-ajuda-em-casa, mantendo vínculos e parcerias com outras Marias-amigas-parceiras que fizera no Ceco.

Singularidades, coletivos, identidades que se agenciam nos encontros.

Assim, mergulhamos em nosso campo de pesquisa, o Centro de Convivência Rosa dos Ventos, nosso campo de experimentações, território de intensos processos de mutações e possibilidades de novos e outros lugares. Campo no qual Maria trabalhadora-gestora arriscou-se num devir Maria-cartógrafa-pesquisadora, encontrando tantas e tantas Marias por aí...





Capítulo 3: Cartografias da Pesquisa

3.1 A Cartografia, O Cartógrafo, O Centro de Convivência.

Pensar o campo da pesquisa e sua metodologia nos orienta enquanto pesquisadores, contribuindo para a definição de nosso objeto e objetivo, delimitando nossas questões e norteando nossas ações. Na pesquisa aqui realizada, a imersão do pesquisador num campo-território-espaco de intensas mutações, já habitado e conhecido enquanto espaço-trabalho, traz novas complexidades, transversalizando territórios e trajetórias em constante diálogo: pesquisa, trabalho, gestão.

A pesquisa volta-se para os constantes movimentos captados pela sensibilidade, pelo corpo vibrátil, pelo olho molecular que enxerga para além do corpo nu.

Desafio: Como trazer para o universo da pesquisa produções de intensas mutações subjetivas e suas produções? Produções que instigam as investigações a partir do testemunho cotidiano de experiências vivas, sensíveis de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. “Um estado permanente de potência no ar, uma corrente coletiva de desterritorialização em plena efervescência” (Rolnik, 2011, p. 31).

Por isso buscamos pensar, aqui, a pesquisa enquanto pesquisa-intervenção, considerando que toda pesquisa é intervenção, toda intervenção em saúde é sempre uma atitude clínica-política e o campo de análise não se separa do campo da intervenção. Assim, compomos com um modo de pesquisa que visa acompanhar processos em constantes mutações. Processos de subjetivações, processos atravessados por linhas de forças, colocando em análise forças de captura e de potência. Exercício ativo de um constante coengendramento entre produção de conhecimento, política e clínica, podendo ser a pesquisa uma via de produção de cuidado possibilitando a operação de mudanças (Barros e Passos, 2012).

Ao pensar o Centro de Convivência enquanto campo de pesquisa-intervenção e suas produções sensíveis no plano dos encontros como o objeto de nossa pesquisa, faz sentido a procura de referências nas quais o ponto de apoio é a experiência entendida como um fazer-saber, isto é, um saber que vem e que emerge do fazer (Barros e Passos, 2012). Trata-se de pesquisar um serviço-dispositivo

móvel em suas ações e produções, mapear uma extensa rede de conexões e conversações que o compõe, extrair da experiência de seus fazeres, seus saberes. Cartografar.

Diferente dos mapas, onde vemos a representação de um todo estático, a cartografia é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem. “Paisagens psicossociais também são cartografáveis” (Rolnik, 2011, p. 23). Acompanha e se faz ao mesmo tempo em que o desmanchamento de certos mundos, sua perda de sentido e a formação de outros: “Mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos” (Rolnik, 2011, p. 23).

Cartografar acontecimentos, paisagens psicossociais no Centro de Convivência, nos faz buscar a construção da pesquisa em ato, incluindo subjetividades em transformação que acompanhem o caminhar de um serviço híbrido, onde se coloca em convivência a possibilidade da diferença na diferença, experienciando esse trabalho enquanto uma rede intensa de conversações.

Para Suely Rolnik (2011), a tarefa do cartógrafo é dar língua aos afetos que pedem passagem e, para isso, espera-se que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo, atento às linguagens que encontra, devorando as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. “O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago” (Rolnik, 2011, p. 23).

Para o cartógrafo, tal como proposto por Rolnik, as referências teóricas são produzidas com formas de pensar que podem vir de múltiplas cartografias conceituais. Teoria é sempre cartografia e se faz juntamente com as paisagens cuja formação ela acompanha. Assim, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência, sem exclusão de linguagens ou estilos. “Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (Rolnik, 2011, p.32). Por isso, o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo não só escritas e não só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia. Ele está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias.

Verifica-se assim o critério de suas escolhas, descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a

passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender.

Entender, aqui, não significa explicar e muito menos revelar. Entender no sentido de mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia, pontes de linguagem, de criação de mundos, enquanto veículo que promove a transição para novos mundos, novas formas de história (Rolnik, 2011).

“O problema para o cartógrafo, não é o do falso ou verdadeiro, nem o do teórico ou empírico, mas sim o do vitalizante-ou-destrutivo ativo-ou-reativo” (Rolnik, 2011, p. 36). O que quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade.

O cartógrafo busca inventar os procedimentos em função daquilo que pede o contexto em que se encontra, por isso não segue protocolos normalizados, pré-definidos. “A pesquisa faz-se assim como cartografia do meio em que o pesquisador está mergulhado na produção de mapas referentes aos encontros vividos nesses trajetos e aos afetos e sensações ali produzidas” (Lieberman & Lima, 2015, p. 183).

O que define o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade. Não sendo assim, possível definir seu método (no sentido de referência teórica, nem como procedimento técnico) apenas sua sensibilidade, seus intercessores ao pensamento (Rolnik, 2011).

Sobre as práticas do cartógrafo, podemos dizer que se trata de um exercício ativo de estratégias de formação do desejo no campo social, espaço de emergência de intensidades sem nome, de incubação de novas sensibilidades e de novas línguas ao longo do tempo. Estando atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar.

No Centro de Convivência, as práticas mostram-se conectadas às novas formas de produção e de sensibilidades no campo do cuidado na Atenção Psicossocial. Novas formas de fazeres, de cuidado, de trabalho. Alargando, inovando e redimensionando o entendimento de cuidado e trabalho nesse campo de ações. Tornando necessária a composição de novas linguagens, novas referências, que possam trazer à cena novos regimes de visibilidade às práticas ali produzidas.

O trabalho no Centro de Convivência se compõe em dimensões que borram as fronteiras tradicionais da saúde e leva a pensá-la enquanto aumento de potência

de vida, conectando-se, assim, ao campo das artes, da cultura, da educação, das práticas integrativas, das práticas menores, no sentido de se aliar contra modos hegemônicos de produzir saúde.

Pensar o Centro de Convivência enquanto campo de pesquisa põe em suspenso as fronteiras dos saberes, borrando margens, trazendo à cena composições inéditas, misturas, confusões, desestabilizações... um campo que por excelência desterritorializa os campos formais de saberes e de lugares profissionais.

Pensando que a prática do cartógrafo é imediatamente política, e diz respeito à criação de novos mundos, sociedades, critérios com os quais o social se inventa, esta se revela micropolítica. Ela tem a ver com o poder em sua dimensão de técnicas de subjetivação, estratégias de produção de subjetividade, onde a potencialização do desejo se apresenta em seu caráter processual de criador de mundos, abrindo passagens para as intensidades vividas nos encontros.

Dimensão esta que se aproxima das inúmeras possibilidades de encontros do Centro de Convivência. Encontros que extraem das forças maiores as experiências minoritárias, afetivas e inventivas (Galletti, 2007). Na inventividade e criatividade das práticas e ações do Ceco, incitam-se o alargamento e atravessamento das bordas da clínica, da instituição, do funcionamento administrativo, onde se experimenta a produção de conhecimento do fazer-saber na convivência.

Nesta perspectiva, entendemos a clínica no Centro de Convivência enquanto um movimento de aumento da capacidade de experimentação de diferentes modos de existência, de diferentes experiências de vida, de momentos e acontecimentos ativadores. Ativadores de experiências, motores de experimentação.

Pensamos, então, a experiência enquanto possibilidade de que algo nos aconteça (Bondía, 2002), nos toque, cultivando a arte dos encontros-acontecimentos. Emerge, assim, um "Ethos Cuidador", uma postura de suporte e abertura para o outro, para funcionar como experimentador-propiciador de experiências seja para pessoas que precisam de um estímulo para essa abertura do corpo ou para pessoas que se encontram abertas para isso (Ferigato, 2013).

Suely Rolnik, em *Cartografia Sentimental*, descreve o manual do cartógrafo - o que o cartógrafo levaria no bolso: "Um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações (que se define constantemente)" (Rolnik, 2011, p. 67).

O critério de avaliação seria o grau de abertura para a vida que cada um se permite a cada momento.

O princípio seria extramoral, a expansão da vida é seu parâmetro básico e exclusivo, o quanto a vida está encontrando canais de efetuação.

A regra é agir e inventar estratégias tendo a vida como critério e sua defesa. E, nesse sentido, a regra é também uma regra de prudência, que permite discriminar os graus de perigo e de potência, funcionando como alerta nos momentos necessários. Há um limite de tolerância para desorientação e reorientação dos afetos, um “limiar de desterritorialização”.

Sustentar a vida em seu movimento de expansão, eis a ética do cartógrafo (Rolnik, 2011).

Assim, a cartografia, com seus critérios, princípios, regras e sua ética, se mostra intrinsecamente conectada à produção do Centro de Convivência, trazendo aproximações e elementos que permitem colocar em análise esse espaço enquanto campo da pesquisa-intervenção. Colocar em análise suas potências, suas capturas, suas linhas de força, trazendo à cena a criação de novos regimes de visibilidade.















Capítulo 4: Plano de Produções dos Encontros no Centro de Convivência Rosa dos Ventos

Não há tão grande, nem revolucionário, quanto o menor [...] Sonhar ao contrário: saber criar um devir-menor.

Deleuze e Guattari

4.1 Produções

Nesse trajeto da experiência da gestão do Centro de Convivência, nos vemos às voltas com o tema da produção-produtividade-indicadores. Tema este que inquieta, desassossega e desafia. Nos espaços de gestão, ao discutirem-se os serviços de saúde, financiamentos e investimentos, rapidamente aponta-se para os indicadores de produtividades. Produções de saúde, que expressem materialidade em seus indicadores quantitativos, sendo esses determinantes na validação e efetividade de um serviço. Um serviço com altos indicadores é um serviço produtivo, que pode ser mais investido, de financiamentos e de práticas que fortaleçam suas ações. Essa é a prerrogativa dominante nas discussões capturadas pelas modulações do capitalismo na área da saúde.

Assim, chegamos a um grande desafio. Como quantificar numericamente práticas que se estabelecem a partir dos encontros abertos, devires em experimentação, clínica em movimento, onde as ações instituintes inauguram o vir a ser de um serviço-dispositivo que se localiza estrategicamente à margem, na fronteira. No entretecer das redes, agenciando práticas de saúde, arte, cultura, lazer, borrando as margens formais de relação dadas. Criando-se, nessa hibridização de múltiplos, processos que não se acomodam mais nas padronizações formais das ações tradicionais nos campos descritos.

Como medir quantitativamente uma produção que não se adequa às categorias tradicionais? Como criar indicadores outros que se aproximam dessas práticas? Quais estratégias de visibilidade dar para essa produção que não se calcula na soma cartesiana, que não se enquadra nas portarias ministeriais, nas planilhas de produtividade, que não se apresenta a favor de lucros capitais?

Afinal, de quais produções queremos falar?

Retomamos, então, a pergunta central que desencadeia essa pesquisa: qual a produção, no plano sensível dos encontros, do Centro de Convivência Rosa dos Ventos?

Ao construir essa pergunta para pesquisa, pensamos o tema da produção da forma mais ampliada possível e, ao mesmo tempo, as singularidades do Ceco em questão. Ampliar os olhares acerca da produção do Ceco, em sua extensividade, para além das planilhas e indicadores de produção, do número de oficinas realizadas no mês, dos registros dos grupos documentados semanalmente, do número de usuários inscritos e, ao mesmo tempo, singularizar, ressignificar, engravidar de múltiplos sentidos o tema da produção, mapeando as zonas sensíveis, quentes e intensivas.

Pergunta esta que nasce da tensão de se ocupar um lugar de gestão, onde se responde por um Ceco e por uma produção que não dá conta de quantificar e mensurar as intensidades dos encontros produzidos. Pergunta que se torce na medida em se esforça para se encontrar com tantas respostas possíveis.

Não se trata, então, nesta pesquisa, de responder do lugar tradicional da gestão, qual a produção do Ceco em suas extensividades, em suas quantidades e partes de existência. Mas cartografar do lugar de incômodo, do lugar de afetações, do indizível, do incabível, dos interesses que nos capturam ao procurar por uma linguagem possível, se construir o que acontece ali. O que acontece nessas linhas sensíveis, intensivas, menores, dissonantes, quase-mistérios que produzem mutações vivas de vida em sua intensa expansão?

...a dissonância me é harmoniosa. A melodia por vezes me cansa [...] quero na música o que te escrevo e no que pinto, quero traços geométricos que se cruzam no ar e formam uma desarmonia que eu entendo...meu ser se embebe todo e levemente se embriaga [...] porque é então que me movo no mistério. (Lispector, 1998, p. 66)

Movemo-nos, então, nas dissonantes produções que se harmonizam numa ética do cuidado polifônica do Ceco, onde construímos nossa pergunta e nossos misteriosos interesses.

Interessamo-nos assim, em cartografar produções que não cabem nas planilhas entregues mês a mês à Secretaria de Saúde. Interessamo-nos nas produções que escapam às prestações de contas, às avaliações reducionistas dos

serviços, aos espaços áridos de discussão da gestão, que escapam ao viés da atenção gerenciada e dos gerencialismos predominantes.

Interessamo-nos por essas produções menores, que não interessam à política macro de saúde, que não é absorvida nos planos gerencialistas, que não é captada pelos olhares condicionados ao campo tradicional da produção de saúde. Que não se apresentam nos serviços-chave da Reforma Psiquiátrica, no foco das produções maiores que mobilizam respostas centrais e normativas.

Ao nomearmos produções menores, nos aproximamos à literatura menor que, para Deleuze e Guattari (2014), não é a de uma língua menor, em sentidos desqualificantes ou banalizáveis. Mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. “Kafka diz precisamente que uma literatura menor é muito mais apta a trabalhar a matéria” (2014, p. 39). Caracterizada por um forte coeficiente de desterritorialização da língua, ligação do individual no imediato-político, com intensos processos de agenciamentos coletivos.

Não há tão grande, nem revolucionário quanto o menor (...) fazer um uso menor de sua própria língua, supondo que ela seja única, que ela seja uma língua maior ou o tenha sido. Ser *em* sua própria língua como um estrangeiro [...] fazer desta um uso menor ou intensivo, opor o caráter oprimido dessa língua a seu caráter opressivo, achar os pontos de não cultura e de subdesenvolvimento, as zonas de terceiro mundo linguísticas por onde uma língua escapa, um animal se enxerta, um agenciamento se instala [...]. Sonhar o contrário: saber criar um devir-menor (Deleuze e Guattari, 2014, pp. 52-53).

Produções menores no campo do trabalho, no campo das subjetividades, no campo da clínica. Menores em usos intensivos onde se faz escoar seguindo de linhas de fuga criadoras, em formas surpreendentes de desterritorialização, mutação, engendramentos.

Ao ocuparmo-nos das produções menores de um Ceco, interessamo-nos particularmente por esses tensores, escapes, graus de afecções que nos tocam nas forças sensíveis dos encontros, dos agenciamentos.

Interessamo-nos pelas produções de lugares-heterotopias, desses lugares outros que não se encontram em lugar algum. Lugares de passagem, absolutamente diferentes, que se opõem a todos os outros (Foucault, 2013).

Também nos interessa a materialidade produzida nesses encontros. Pelos grupos e atividades desenvolvidas no Ceco: artesanatos, pinturas, telas, esculturas

de argila... Há, também, produções que adquirem materialidade e se transformam, como os bolos, pães, receitas produzidas em nossa movimentada cozinha... E como pensar a produção de grupos que acontecem com a música e a dança? Qual materialidade dessa produção que passa pelo agenciamento dos corpos, que dançam, que desterritorializam e se reterritorializam nos ritmos, sons, melodias, cantos e gestos?

Há, também, a forma de olhar para a produção do Ceco. Como é possível dar visibilidade para aquilo que é produzido e pensar o que se faz daquilo que se produz?

Sujeito, produção e consumo mostram-se como movimentos de um ato, movimentos de um processo, onde a produção apresenta-se enquanto ponto de partida, enquanto movimento predominante, enquanto processo ininterrupto. É possível falar de produção como um plano, plano de constituição, de engendramento, fazendo-se permanente (Barros & Passos, 2004).

Barros e Passos(2004) pontuam que ao revelarmos a dimensão da produção no campo, desnaturalizamos suas realidades e suas dicotomias constitutivas. O plano revelado apresenta-se enquanto processo de produção. “Seja o plano da constituição das práticas psi, o plano de criação do esquizofrênico, o plano de emergência do político, o plano é sempre uma processualidade, isto é, um se fazendo” (Barros & Passos, 2004, p. XX).

No plano da micropolítica, no cotidiano das relações,

O termo produzir vincula-se a redes, conexões, movimentos associados a formas de pensar, concepções de mundo e modos de agir em função das forças em disputa. A vida, enquanto campo de forças pode ser referida como uma sucessão de acontecimentos- de produções cujos efeitos, por sua vez, corporificam-se ampliando o produzir para as mais diversas formas de relações, afetos, desejos, ideias, expectativas, subjetividades... (Scheinvar, 2012, p.195)

Aqui, o sujeito será efeito de um processo de produção, processo de subjetivação, plano de subjetivação ou criação de si. Produção do sujeito, produção inconclusa, heterogenética, nunca havendo esgotamento total da energia potencial de criação das formas. Produções plurais, polifônicas, híbridas, conectadas a experimentação das composições produção-processo-produto, movimentando-as, desestabilizando-as, permitindo o aparecimento do plano de forças de produção a partir do qual tal realidade se constitui.

Produzir é o encadeamento de práticas corporificadas material ou afetivamente. Produzir é afetar: propiciar um sentimento, criar um objeto, construir um desejo, fazer um movimento, construir campos de possibilidades. Os modos de ser, os desejos, as sensações, as expectativas entendidas como subjetividades historicamente constituídas são produções, muitas vezes perceptíveis em sua singularidade. Entender as práticas é rastrear a historicidade na qual foram produzidas. (Scheinvar, 2012, p.196)

Colocar em análise o plano sensível de produção dos encontros do Centro de Convivência, cartografar processos em constante movimentação, analisar as forças em cena. Forças agenciadas a partir da produção dos encontros. É este o desafio dessa pesquisa.

4.2 Produções Híbridas: Arte, Cultura e Clínica

No cotidiano das práticas do Centro de Convivência, construídas na interface com o universo da arte, cultura, práticas integrativas, práticas de lazer, nos deparamos frequentemente com experimentações estéticas que se expandem do campo da saúde, arte e cultura tradicionais.

Práticas que atravessam a fronteira que delimita esses campos e se conectam, agenciando-se hibridamente, num novo campo de difícil nomeação, onde a arte se encontra com essas pessoas-margem que acessam o território do Centro de Convivência. Território no qual proliferam momentos estéticos, onde subjetividades em obra podem construir-se a si mesmas, configurando e dando forma ao caos e às rupturas de sentido que, muitas vezes as habitam (Lima, 2006).

Este fato tem um poderoso efeito sobre a vida das pessoas que experimentam estados clínicos [...] Cada sujeito ao construir um objeto, pintar uma tela, cantar uma música, faz algo mais que expor a si mesmo e o próprio sofrimento. Ele realiza um fato de cultura [...] O valor que determinadas produções podem ganhar, passando a interessar justamente por seu caráter de singularidade, dissidência, deriva e inacabamento, e sua circulação num coletivo, provoca um enriquecimento dessas vidas; e aqui estamos tomando a vida, e não a arte como critério. Ao se articularem aos modos de expressão dominantes, modos de expressão dissidentes atravessaram a linha divisória que os separavam da produção cultural, ganhando cidadania cultural [...] e certo poder nas reais relações de forças. (Lima, 2006, p. 326)

Ali são acolhidas pessoas que passam por experiências-limite rejeitadas em alguma medida pelos campos instituídos da arte, da cultura, da saúde. Ao lhes propormos a participação em oficinas e grupos das mais variadas atividades, buscamos proporcionar experiências de criação. Muitas vezes, essas experiências acontecem sobre uma linha tênue, na qual acontecem fragmentos estéticos ou performances que não podem ser reproduzidos, mas que tem a capacidade de fortalecer vínculos, instaurar grupalidades, transformar vidas. São momentos privilegiados em que arte, saúde, loucura e precariedade se conectam, colocando em cheque os limites entre arte e não arte, entre arte e vida, arte e clínica (Lima, 2006).

Observa-se, no Ceco, que situações estéticas, artísticas, podem se apresentar enquanto momentos clínicos de intensidade ímpar, que não podem ser repetidos, mas que têm a potência de provocar intensas transformações subjetivas, ampliando a capacidade de alguém em ser afetado, sensibilizado, potencializando a vida.

A clínica, nesta nova configuração, é aquela que se faz no território. Ela não está voltada para a remissão de sintomas, mas para a promoção de processos de vida e de criação, e poderá, portanto comportar uma outra saúde. Não uma saúde de ferro dominante, mas uma irresistível saúde frágil, como diria Deleuze (1997), marcada por um inacabamento essencial que, por isso mesmo, pode se abrir para o mundo. (Lima, 2006, p.327)

Assim, notamos um território intenso de produções híbridas do Centro de Convivência. Um constante caminhar entre uma região fronteira na qual arte, cultura e clínica estão implicadas em suas conexões, em suas dissonâncias, gerando um espaço de tensões que provoca desestabilização entre os campos.

Vemos como desafio não reduzir essas produções a nenhum dos campos tradicionais, procurando encaixá-los, dando lugares mais facilmente legitimados e reconhecidos, mas manter aberta a tensão que essas produções instauram entre elas. Vivenciar o incerto, o inacabado, o transitório, o efêmero, que comporte as desterritorializações e os desequilíbrios dos sujeitos dos quais se conecta.

O sentido aqui é o de encontrar ferramentas para recomposição, reterritorialização de universos existenciais e para uma produção mutante de enunciação (Guattari, 1992).

Clinicar é acessar... A dimensão da criação, da invenção... Tanto a arte quanto a clínica são inseparáveis da experimentação dos devires que só podem ser encontrados nessa dimensão... Clinicar é colocar-se eticamente na produção do mundo e da vida como obra de arte em uma dimensão eminentemente social. A clínica é, portanto, destrutiva das representações pretensamente universais que aprisionam a subjetividade numa história individual e pessoal, descolada das produções político-sociais. Arte e clínica se encontram na tarefa de criticar o presente e produzir a vida por vir. (Farina e Fonseca, 2012, p. 50)

4.3 Encontros vivos 2: Dançando no Ceco

Buscar a potencialidade das variações existenciais através de um plano que se constrói a partir de encontros e acontecimentos em incessante processo de desvio e mutação. Como espaço de clinamen, um acontecimento se faz clínico quando é capaz de produzir rupturas, catalisar fluxos e decompor-se em diversos outros, carregando a potência de ser um analisador do mundo por vir. A clínica se torna uma forma de crítica e não de compreensão, pois o espaço do clinamen é aquele onde modos cansados e adoecidos de viver são colocados em processo de destruição ao mesmo tempo em que se criam novos territórios existenciais. (Farina e Fonseca, 2012, p. 49)

Numa chuvosa tarde de quinta, Maria chega timidamente ao grupo de dança do ventre, que já havia iniciado. Começamos aquecendo em roda, alongando, nos apresentando, ocupando pouco a pouco a pequena sala do Ceco. Convido-a para entrar na roda, me apresento. O sorriso envergonhado, o corpo desajeitado, o olhar firme, curioso, procurando outros olhares, outros corpos, ajeitando-se ao lado de outras mulheres, outras Marias presentes no grupo. Há, também, muitas Marias nessa Maria.

Seguimos nos preparando para dança, movimentando os quadris, explorando direções e formas, nas batidas laterais, nos acentos verticais, nos tremidos, deslocando, girando, caminhando, experimentando e descobrindo as possibilidades de movimentos dessa complexa estrutura feminina ao som dos ritmos e instrumentos percussivos árabes. Maria sorri e mostra ginga, atenta aos corpos que a rodeia. Corpos que se soltam, que se encontram, se conversam, se esbarram e se afastam brincando, se agenciam em movimento. O sentimento de alegria se expande pela sala.

Vamos aos movimentos ondulatórios, sinuosos redondos, oitos, ondulações de ventre, encontrando direções e deslocamentos diversos em cada possibilidade.

Leveza, delicadeza, introspecção, concentração, sensualidade, feminilidade. Maria se desajeita, se enrijece, olha para os lados, percebe o grupo mais atento e não desiste. Segue no desafio de experimentar seu corpo de mulher nos passos que convocam o feminino a pulsar.

Caminho pelo grupo procurando por processos a serem mediados e facilitados. Percebo Maria tensa. Toco em seu quadril e juntas desenhamos os oitos com nossos corpos. Ao soltar as mãos, tranquilamente seu quadril segue dançando, explorando as direções propostas. É imediato o brilho que toma conta de seus olhos, o sorriso largo volta a aparecer no rosto sofrido.

Maria está com os filhos num abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica. Já passou em tratamento pelo Caps e Centro de saúde. Em seu acolhimento, feito antes de entrar no grupo, relatou não poder dar seu endereço. Regra dos abrigos que hospedam mulheres que passaram junto a seus filhos por situações inúmeras de violência com seus parceiros.

Voltando ao grupo, antes de finalizar nosso encontro, proponho um momento de improviso. Ouvir a música, experimentando os movimentos explorados, deixando o corpo conduzir para as direções que sentir, que desejar. Conectar-se, arriscar-se. Maria não hesita. Fecha os olhos e dança. Sorri, gira, solta os braços, ora desengonçada e enrijecida, ora precisa com seu largo quadril marcando os ritmos árabes, com ginga e discreta feminilidade que já acena em cena.

Ao final, nos apresentamos novamente para que Maria conheça as outras frequentadoras. Ao se apresentar, diz: *“Meu nome é Maria. Soube daqui pelo SOS Mulher. Estou desempregada e preciso fazer alguma coisa. Alguma coisa por mim. Alguma coisa que me afaste de tanto sofrimento”*.

Maria passa, assim, a frequentar regularmente o grupo de dança. Poucos meses depois, recebemos o convite para nos apresentar numa Mostra de Práticas de Saúde Mental, organizada pelo Serviço de Saúde Cândido Ferreira. Juntamos os dois grupos de dança do Ceco e começamos os ensaios de uma pequena sequência coreográfica seguida de um momento de improviso coletivo.

Em nosso último ensaio, ao final do encontro, Maria se dá conta que não tem figurino para se apresentar. Havia faltado no ensaio anterior onde combinamos de experimentar e criar figurinos para apresentação. Rapidamente pego as peças

que não foram escolhidas, um tanto preocupada, pois eram pequenas e não pareciam compor entre si.

O grupo estava agitado acertando os últimos combinados para chegar ao evento no horário combinado. No canto da sala, Maria olha os figurinos entristecida. Pergunto se gostou de algo, e a mesma responde que acha que não dará certo, pois são pequenos e assim prefere dançar em outra ocasião. Rapidamente algumas mulheres se aproximam e começam a ajudá-la com as peças, começam a vesti-la, tiram, colocam, criam, aparecem com linha e agulha e de repente Maria está vestida, com seu figurino árabe pronto. Peço para que se veja no espelho e novamente seu largo sorriso toma conta. Está lindamente vestida para dançar. Diz, timidamente, com os olhos emocionados, *“Nunca me vi tão bonita”*.

O corpo como questão que se impõe... É assim, vivido nesses laboratórios como “passagem” e “matéria moldável”, lugar de experimentação, criação e reflexão, do qual se procura ampliar mais e mais a capacidade de afetar e ser afetado pelos encontros. Rompem-se anestesiamientos, automatismos, modos enrijecidos e balizados por valores morais que tendem a uma homogeneização e padronização dos sujeitos e minam o reconhecimento/produção das diferenças que carregam o germe da invenção de si e de mundos. (Lieberman, 2010, p. 117)

São dessas produções que queremos dar língua. Produções que conectam os sujeitos ao plano da subjetivação, ao plano da produção que é plano do coletivo. Entendendo, aqui, como nos sugerem Barros e Passos (2004), coletivo não como soma de indivíduos ou resultado de um contrato que os indivíduos fazem entre si. Coletivo enquanto multidão, composição potencialmente ilimitada de seres tomados na proliferação das forças. Coletivo enquanto plano de produção que experimenta todo o tempo a diferenciação. Não há, no coletivo, propriedade particular, personalidades, nada que seja privado, e sim forças disponíveis a serem experimentadas.

A experiência clínica enquanto devolução do sujeito ao plano da produção, em experimentação no plano coletivo, em experimentação pública. Desestabilizando formas e forças instituídas, capturadas por realidades dadas e naturalizadas.

Pensar a clínica enquanto abertura para produção de outras sensibilidades. Encontros como esse no Centro de Convivência carregam essa tônica, momentos

quase fugazes que se eternizam na descoberta de outras conexões possíveis. Estar sensível a formas outras de estar e se apresentar ao mundo, atentos ao próprio pulso vital, construindo singularidades resistentes aos ataques e modelos sociais, que restringem as potências e a produção de realidades criativas e pulsantes de vida (Lieberman, 2008).

Clínica sensível, gentil, que se apresenta à espreita, ampliando discretamente a conectividade dos encontros, expandindo, aumentando superfícies de contato ao vivido, facilitando exposições às afecções, aos acontecimentos. Uma clínica que dança, se movimenta, agenciando respostas outras diante dos efeitos dominantes das subjetividades capitalísticas.







4.4 Produções na dimensão do trabalho

4.4.1 Trabalho Afetivo

*O feminino se comunica com o que está sempre inacabado,
sempre em estado de tornar-se, de vir-a-ser...*
Clarice Lispector

O trabalho em saúde, onde o cuidado, a produção de vida e o agir em saúde são o foco das práticas, traz, em seu núcleo, características e qualidades anti-hegemônicas e anti-capitalísticas, com forte potencial desterritorializante.

A constituição de comunidades, subjetividades coletivas e produção de relações são imagens diretas do trabalho afetivo. O circuito de produção de afeto e de valor se parece com um circuito autônomo de constituição de subjetividade, alternativo ao processo de valorização capitalista (Hardt, 2003).

Ainda que compreendamos também que, no contexto de produção pós-moderna, o trabalho afetivo desempenha um papel potente enquanto produtor de capital, assumindo uma posição preponderante na economia capitalista em relação a outras formas de trabalho.

Exatamente por esse aspecto, onde o trabalho afetivo se apresenta como elo forte nas correntes de pós-modernização capitalistas, vemos que seu potencial de subversão e de constituição autônoma torna-se ainda maior (Hardt, 2003).

Trabalhos que exigem a presença ou a proximidade física de pessoas, sendo que o essencial é o aspecto de criação de afetos nessa proximidade, como os serviços de saúde, por exemplo, baseiam-se em trabalho afetivo e prestação de cuidados (Hardt, 2003).

Hardt (2003) aponta o trabalho afetivo como um tipo de trabalho imaterial. Ainda que seja corporal e afetivo, seus produtos são intangíveis, como sentimentos de tranquilidade, bem-estar, satisfação, entusiasmo, paixão, sensações de união ou integração a uma comunidade.

O trabalho feminino é uma das modalidades do trabalho afetivo segundo Hardt (2003), composto pelo trabalho familiar, pelas atividades maternas e pela prestação de cuidados, designado às atividades tradicionais que as mulheres dedicam a pessoas da família, crianças, idosos, enfermos, no desempenho de uma série de ações e tarefas que não são remuneradas e que, muitas vezes, não são reconhecidas no trabalho. Essas ações marcam práticas no mundo do trabalho, produzindo sociabilidade, afetos e também valores (Hardt, 2003).

Em nosso campo de pesquisa, o Centro de Convivência Rosa dos Ventos, destacamos que, desde sua inauguração, em 2004, a equipe foi se constituindo exclusivamente de mulheres. Trabalhadoras que, em momentos distintos de sua trajetória profissional, chegaram ao Ceco, produzindo marcas nas práticas do serviço, na dimensão do cuidado feminino, na delicadeza dos trabalhos manuais, artesanais, culinários, corporais, atualizando, no espaço do trabalho, vivências culturais singulares de resgate de atividades aprendidas por outras mulheres, que passaram em suas existências.

Ao propor um grupo no Ceco com artesanatos aprendidos ao longo da vida, por mães, avós, tias, irmãs, compartilha-se saberes com outras mulheres, vindas da comunidade, dos serviços de saúde, dos serviços da assistência social, com seus saberes, suas dores, suas alegrias. Assim, são resgatados fazeres esquecidos, que, ao serem lembrados, surgem como sopros de vida, de lembranças, de histórias, potencializando a criação de novos territórios existenciais.

Nessa dimensão, vamos acompanhar uma trajetória de encontro de várias Marias do Ceco. Uma Maria-trabalhadora-afetiva e outras Marias-usuárias-artesãs. O espaço intercessão de encontro dessas Marias é o grupo de artesanato coordenado pela Maria-trabalhadora.

4.4.2 Grupo de artesanato

A missanga, todos a veem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas. Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo.

Mia Couto

Grupo construído no dia-dia de um trabalho que foi se significando e se territorializando pouco a pouco. Maria-trabalhadora chega ao Ceco após longa licença de saúde. Gostava do artesanato com fios, com tear e chega num novo espaço de trabalho, com poucas referências de como realizá-lo.

Em uma de nossas supervisões, conta que não fazia ideia do que fazer ali. *“O que mandavam fazer, fazia. Ficava com uma pessoa ensinando tear, ajudava no lanche dos alunos da Fumec, ajudava no bazar, buscava doações... Não era muita coisa, mas eu estava ali.”*

Em seu trabalho anterior, como técnica de enfermagem no Caps, tinha como função ações da enfermagem, conduzidas e acompanhadas pelo enfermeiro. No Ceco, também parecia esperar referências dadas pela única técnica de nível superior presente na ocasião. *“Parecia que eu era secretária dela. Mas eu não me autorizava também, não sabia como fazer diferente.”*

Presença discreta, tímida, esvaziada de entusiasmo e iniciativas, movimentos apagados, contidos, reservados e distanciados de composições de vida. Mas havia, ali, um fio que se ligava a cada mulher que chegava ao Ceco. Um frágil fio de afeto, de intercessões que se produziam e se expandiam a cada encontro. Uma potência a ser experienciada, a ser alargada, a ser investida. Essa foi a aposta da equipe do Ceco, dar lugar para que os fios da Maria-trabalhadora se expandissem e se afetassem em presenças desejan-tes.

Assim, ao longo dos anos, num tempo outro do afetar-se e afetar, num tempo distante do tempo acelerado das produções moduladas pelo capitalismo, num tempo onde é possível tecer a experiência do trabalho, construindo lugares, caseando presenças, alinhavando pertencimentos, protagonismo. Ao tempo dos artesanatos, Maria-trabalhadora foi abrindo-se ao trabalho. Descobriu-se trabalhadora-artesã-afetiva.

Os fios do tear se transformaram em cachecóis, linhas, caseados, patcolagem, patwork, crochês, tricôs e tantas outras possibilidades que pulsaram de vida os encontros do grupo de artesanato no Ceco. Muitos saberes foram sendo compartilhados pelas próprias Marias-usuárias-artesãs, agregados aos saberes da Maria-trabalhadora-afetiva.

Muitas histórias foram compartilhadas. Testemunhos e expressões de vidas permeadas por experiências de sofrimento e exclusão.

4.4.3 Encontros vividos 3: Entre linhas e afetos

Maria-usuária-artesã chega ao Ceco sempre acompanhada pelo neto. Passou por tratamento em Caps, Centro de saúde, passou por outros Cecos também. Chama a atenção o quanto se refere ao neto de forma agressiva, pejorativa, dura, muitas vezes xingando e ameaçando agressões físicas.

Situações que mobilizam a equipe e outros usuários, sendo necessário intervir, conversar, construir contornos, entender seu funcionamento. Os grupos de artesanato são os cenários dessas situações. Ao bordar, casear, recortar moldes, colar, criar a composição de tecidos, fala de sua vida com outras mulheres do grupo, seus sonhos não vividos, seus amores já passados e dos homens amados. Fala das violências sofridas, das dificuldades em criar os filhos, da solidão por não ter com quem contar. Uma vida permeada por frustrações e decepções.

Endereça ao grupo, e especialmente à Maria-trabalhadora-afetiva, testemunhos de uma vida marcada pela precariedade.

Cria o neto sozinha, o relacionamento com a filha é conflituoso. Agressividade e violência são características que a acompanham nos relacionamentos ao longo de sua existência.

É preciso estar próxima de Maria-usuária-artesã. Construir outras respostas, produzir desvios. Outras Marias-trabalhadoras aproximaram-se aos poucos, sentindo quais territórios seriam possíveis transitar. Qualquer abordagem mais diretiva a distanciaria de mais um espaço elegido para convivência com suas dificuldades.

Agenciou-se o Centro de Saúde para conhecer o espaço da casa, com a intenção em “ver a carteira de vacina”, para alargar os espaços de circulação e cuidado. Junto com Maria-usuária, construiu-se a ida do neto a um núcleo assistencial no horário alternativo à escola, assim estaria em outros espaços, não tão próximo da avó, nas intensidades e desgastes do cotidiano. Houve, assim, maior proximidade da família, maior proteção à criança, maior acompanhamento de Maria-usuária e seu neto.

No Ceco, conectou-se a outros espaços do artesanato próximos a Maria-trabalhadora-afetiva. Aproximou-se, também, da equipe, procurando, muitas vezes, por outras Marias-trabalhadoras, levando suas angústias, seus sofrimento, seu não-saber-lidar com o neto e com a filha e o medo do conselho tutelar. Linhas e fios ora emaranhados, ora conectados, harmonizando nas costuras possíveis do existir.

Trabalho em rede, construção coletiva, produção de porosidades.

Porosidades produzidas para dar conta do cuidado. Ressonâncias com o mundo dos usuários. Com o mundo de sonhos não vividos de Maria-usuária-artesã. Produção de desvios, porosos e ressonantes.

Merhy (2005) nos fala das porosidades produzidas no agir em saúde, entre o mundo das profissões entre si e entre o mundo dos trabalhadores de saúde e os usuários. Relações intensas produzidas nos encontros entre Marias. Marias que se deslocam, ora sendo cuidadas, ora produzindo cuidado.

Porosidades localizadas de modo mais explícito nas valises das relações, que opera tecnologias leves para dar conta dos encontros e relações de alteridades, com o outro: o usuário [...] Por serem porosidades, é aí que as profissões podem se encontrar desterritorializadas e, é por aí, que, o outro de nós, o usuário, penetra com seu complexo mundo de necessidades que vaza as nossas capturas nucleares. (Merhy, 2005, pp. 8-9)

Convite irresistível em abrir-se, afetar-se, transitar.

Muitas Marias-usuárias-artesãs se ligaram aos fios dos encontros afetivos. Foi preciso organizar os grupos diante dos desejos-presenças dos envolvidos. Oficinas de patchwork, geração de renda na lógica da economia solidária, artesanato em madeira, oficinas itinerantes de artesanato no centro de saúde, em casas de repouso, etc...

Os retalhos doados ganham vida e outros formatos nos panos de prato, nas bolsas, camisetas, pesos de porta, produção de afeto materializada em produção artesanal de mulheres que se encontram e se conectam pelos fazeres, afetos e significações. Aprendizados compartilhados, trabalho afetivo em ato vivenciado nos encontros.

Ressignificar os retalhos rejeitados, os fios doados, sem aparente utilidade, traz a dimensão de aposta num trabalho artesanal que tece outras possibilidades de se apresentar. Transformações possíveis vivenciadas por trabalhadores e usuários no Ceco, no tempo de processos de trabalho artesãos. Efeitos da produção do trabalho afetivo: deixar-se afetar pelo trabalho.

O que o trabalho afetivo produz são redes sociais, formas de comunidade, biopoder. Hardt (2003) denomina de biopoder o potencial do trabalho afetivo. O poder de criação da vida, a produção das subjetividades coletivas, da sociabilidade e da própria sociedade. “O que se cria nas redes de trabalho afetivo é uma forma-de-vida” (Hardt, 2003, p.156).

Observar o biopoder do ponto de vista do trabalho, envolvido na biopolítica, é observar o biopoder “*a partir de baixo*”. Hardt (2003) pontua que Foucault, ao discutir o biopoder, o olha de cima. Biopoder enquanto poder que permite às forças emergentes de governabilidade criar, administrar e controlar populações, o poder de administrar a vida. Ressalta, também, que, em cada caso, observado de baixo ou de cima, o que está em jogo no poder é a própria vida, a produção da vida. Por isso a importância em se reconhecer o trabalho como biopoder, um biopoder que vem de baixo.

Por um lado o trabalho afetivo, a produção e a reprodução da vida, plantou-se firmemente como um alicerce necessário para a acumulação capitalista e a ordem patriarcal. Por outro lado, no entanto, a produção de afetos, de subjetividades, e de formas de vida, apresentam enorme potencial para circuitos autônomos de valorização e, talvez, de liberação. (Hardt, 2003, p.157)

Busca-se abrir, no Ceco, espaços para produções afetivas no espaço de um serviço, resgatando tradições culturais silenciadas pelos estrondos das novidades e da aceleração da atualidade, criando, na micropolítica dos encontros, espaços-tempos de práticas menores, intensivas, ativando uma batalha contra os modos hegemônicos de se produzir saúde, de se levar a vida.

A experiência do trabalho no Ceco Rosa dos Ventos nos remete a um trabalho que atua diretamente nos afetos, produzindo subjetividade, coletividade, comunidade, fios que revelam um trabalho vivo em ato, pulsante em sua micropolítica; um trabalho feminino marcado pela produção e reprodução da vida, pela criação, produção e reprodução dos afetos.





4.4.4 Produções da Micropolítica do trabalho vivo em ato

Não há nunca uma identidade, individual ou coletiva, que fica para sempre no tempo em nós. Esta, está sempre em produção. Partindo de um certo território, abrindo-se para outros possíveis. Produzindo mapas, desenhando cartografias.

Emerson Merhy

Sobre a micropolítica, Suely Rolnik (2011) aponta uma lógica cartográfica, onde não há unidades, diferenças de graus, tamanhos ou escalas. Há intensidades, com sua longitude e latitude, afetos não subjetivados, determinados pelos agenciamentos que o corpo faz, inseparáveis de suas relações com o mundo.

Olhar as produções do trabalho no trajeto da micropolítica conduz aos processos, devires, às aberturas apresentadas nas relações agenciadas no cotidiano do trabalho.

Narrativas do cotidiano...⁴

“Aqui sou psicóloga, sou cozinheira, sou professora de Yoga, aqui a gente fala da vida da gente também...” Em um vídeo institucional, elaborado para divulgação do Ceco, a psicóloga que está na equipe abre seu relato com a frase acima.

Em reunião de equipe, duas estagiárias de psicologia finalizam seu processo no Ceco, colocando a experiência que vivenciaram nos equipamentos de saúde mental: *“A diferença dos outros espaços com o Ceco, é que aqui, trabalhamos com saúde...”*

Em nosso planejamento estratégico de 2010, uma trabalhadora do Ceco pontua: *“Me incomoda essa fala de que aqui todo mundo faz de tudo, e a função específica de cada um?”*

“Fazer essa oficina, ver que consigo ensinar, despertar interesse nas pessoas, ver que elas melhoram quando estão aqui, ver a quantidade de pessoas que fazem parte do artesanato no Ceco, me faz tão bem, isso ajudou a superar minhas dificuldades na vida, sinto que cuido das pessoas e ao mesmo tempo cuido

⁴ Narrativas retiradas do diário de campo e arquivo pessoal da pesquisadora.

de mim...” Relato, em supervisão, da técnica de enfermagem, que é monitora no Ceco, ao discutirmos o grupo de artesanato que conduz.

“Aqui, quem sabe mais tá junto com quem sabe menos, fazendo as coisas junto... eu sou da higiene e estou num grupo de dança junto com a gerente, que é TO e dança, ajudo no grupo e aprendo a lidar com as pessoas, isso pode me ajudar, tô estudando pra melhorar...” Mais um relato em supervisão, da auxiliar de higiene, que hoje está trabalhando num Caps como técnica de enfermagem.

“Fui recebida com muito afeto aqui no Ceco, de tudo que passei, todas as dificuldades, perder o trabalho como psicóloga no centro de saúde, ter que sair sem querer, não saber quando vou sair da instituição, tudo acabou valendo a pena por ter chego aqui... um espaço que acolhe pessoas que estão sem lugares...” Relato da psicóloga, remanejada da atenção básica.

“É muito difícil o trabalho aqui no Ceco. No centro de saúde, chegava, a agenda estava lotada, atendia o dia todo. Trabalhava muito, mas não tinha que me movimentar tanto... aqui tenho que criar, inventar, ir atrás das pessoas, é tanta gente diferente no mesmo grupo! Isso cansa muito, mas é muito rico...” Relato de outra psicóloga remanejada da atenção básica.

“Nossa, que diferença ver esse usuário aqui no Ceco e vê-lo no Caps! Parece outra pessoa! Lá, ele demanda tanto, aqui, a chatice dele não aparece tanto, não incomoda tanto... mas eu também sou bem diferente aqui, quando estou lá, sou outra pessoa também...” Relato da residente em reunião de equipe.

Pensar o trabalho no Ceco nos convida a olhar para seus trabalhadores. Suas trajetórias, suas histórias, suas narrativas, compondo paisagens que se desenham a partir da cartografia dos encontros.

O Ceco Rosa dos Ventos, como já dito, inaugura-se, como muitos Cecos em Campinas, sem uma equipe específica de trabalho. Alguns trabalhadores do Caps, Centro de Saúde e Fumec (Fundação de Ensino Comunitário) dedicam algumas horas para compor atividades no Ceco.

Com o tempo, alguns profissionais passam gradativamente a compor carga horária integral no Ceco. São trabalhadores remanejados, que passaram por

situações de sofrimento e adoecimento decorrentes do trabalho, seguidos de afastamentos, licenças-saúde e, assim, ao ter alta médica e estarem aptos a retornarem para a instituição, são inseridos no Ceco, o que indica que este é pensado como espaço também de reabilitação para o trabalhador.

Trabalhadores estes que não se adequaram aos processos tradicionais de produção e trabalho na saúde. Trabalhadores marcados por experiências intensas de sofrimento e adoecimento na relação com o trabalho. Trabalhadores sem lugar institucional, mas que, em alguns momentos, expressavam instantes de potência para ativar formas outras de trabalho e produção em espaços outros. Desafios. Apostas.

Os Cecos foram, em muitos momentos, em situações como essas, uma aposta que os trabalhadores e a gestão fizeram. Aposta pela possibilidade de invenção, criação, num trabalho novo a ser construído e fortalecido em rede. Aposta, também, pelo não conhecimento do que de fato se produzia ali, pela pequena visibilidade das práticas e, assim, a possibilidade de se direcionar o que não tem lugar institucional, dando um possível encaminhamento para essas questões.

O trabalho passa a ser construído, num plano com diversas transversalidades. Forças diversas em agenciamento. Potências, capturas, composições, decomposições. Ora o lugar do trabalho criativo, atraindo a liberdade de inovar, de fazer o que se gosta, agenciando diversas frentes, ora o lugar do não-trabalho, do lugar-depósito de trabalhadores sem-lugares, do não reconhecimento, do cuidado ao trabalhador em detrimento do cuidado ao usuário, da não compreensão de um fazer saúde que rompe com identidades tradicionais e cristalizadas do trabalho e da produção em saúde.

O cuidado com o trabalhador, o cuidado com os usuários, o desafio de se produzir novas maneiras de cuidado, o trabalho vivo em ato, em potencial, engendram as micropolíticas dos encontros.

Merhy (2007), ao tratar do tema do trabalho vivo, pontua que o momento do trabalho em si expressa o trabalho vivo em ato. Esse momento é marcado pela possibilidade de o trabalhador agir no ato produtivo com certos graus de liberdade.

Porém, pode-se dizer que há processos produtivos nos quais o peso das dimensões que expressam o trabalho morto é maior que do trabalho vivo, e há outros que se manifestam de forma contrária. Nos processos produtivos,

encontramos as duas modalidades de trabalho, simultaneamente, em combinações diversas, tencionando forças, disputando espaços.

O trabalho em saúde não pode ser globalmente capturado pela lógica do trabalho morto, expresso nos equipamentos e nos saberes tecnológicos estruturados, pois seu objeto não é plenamente estruturado e suas tecnologias de ação mais estratégicas configuram-se em processos de intervenção em ato, operando como tecnologias de relações, de encontros de subjetividades, para além dos saberes tecnológicos estruturados, comportando um grau de liberdade significativo na escolha do modo de fazer essa produção. (Merhy, 2007, p. 49)

A dimensão dessa relação trabalho vivo / trabalho morto é modulada pelo que Merhy (2007) nomeia como tecnologias de trabalho. Incluindo, aqui, enquanto tecnologia, certos saberes que são constituídos para a produção de produtos singulares, para organizar as ações humanas nos processos produtivos e até mesmo numa dimensão inter-humana. Tecnologias duras, leve-duras e leves.

Como tecnologias leves, Merhy (2007) nos fala das tecnologias de relações, como produção de vínculo, autonomização, acolhimento, gestão na forma de governar processos de trabalho. Leve-duras são os saberes bem estruturados que operam no processo de trabalho em saúde, como a clínica médica, psicanalítica, a epidemiologia, o taylorismo. Duras, são os equipamentos tecnológicos do tipo máquinas, normas e estruturas organizacionais.

Podemos pensar o trabalho no Centro de Convivência como experiência viva das tecnologias leves?

Se considerarmos o quanto o trabalho no Ceco se orienta na produção de encontros, de convivência, de vínculos, de grupalidades, pertencimento, de lugares de passagem, podemos qualificá-lo como um trabalho pautado nas tecnologias leves. Nele, o trabalhador apresenta-se estrategicamente enquanto intercessor, dando passagem aos afetos em movimento, agenciando territorializações, reterritorializações e transformações onde a vida se intensifica e insiste em se apresentar.

Num campo híbrido de produção de saúde em constante intersecção com os campos da cultura e das artes, a micropolítica do trabalho no Ceco alarga o campo de trabalho da saúde, borrando as fronteiras com outros campos, outras formas de trabalho. O trabalhador do Ceco inaugura um campo intercessor na produção do

cuidado, da cultura, da arte, dos encontros. *“Aqui, sou psicóloga, sou cozinheira, sou professora de Yoga, aqui, a gente fala da vida da gente também...”*

É preciso transitar no lugar-trabalhador, ocupar um lugar desestabilizando-o a cada momento. A cada nova situação, se é convidado a movimentar-se, flexibilizar-se e não fixar-se nas identidades tradicionais das categorias profissionais. Não se trata de somar, o que se sabe da psicologia mais o que se sabe da Yoga mais o que se sabe de culinária, mas de criar identidades porosas, compondo saberes transdisciplinares, conectando novas formações.

Trata-se de conectar-se a espaços intercessores, espaços produzidos nas relações entre os sujeitos, no inter-espaço de suas interseções, que é um produto que existe para os “dois” em ato e não tem existência sem o momento das relações em processo e no qual os inter se colocam como instituintes na busca de novos processos, mesmo um em relação ao outro (Merhy, 2007).

A efetivação da tecnologia leve do trabalho vivo em ato na saúde expressa-se como processo de produção de relações intercessoras em uma de suas dimensões-chave que é o seu encontro com o usuário final (...) é neste encontro do trabalho vivo em ato com o usuário final que se expressam alguns componentes vitais da tecnologia leve do trabalho em saúde: as tecnologias articuladas à produção dos processos intercessores, as das relações, que se configuram, por exemplo, por meio das práticas de acolhimento, vínculo, autonomização, entre outras. (Merhy, 2007, p. 51)

O cotidiano no Centro de Convivência evidencia o quanto a produção do trabalho em saúde e seu consumo pelo usuário final se dão ao mesmo tempo. Trabalho-produção-consumo se efetivam numa relação interssessora, onde um comum é experienciado. A fabricação de intercessores no interior de um comum, de uma comunidade, são direções possíveis dessa forma de trabalho. Relações intercessoras, construção de processos intercessores, trabalhadores-intercessores. Deleuze nos diz:

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas- para um filósofo, artistas ou cientistas- mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores [...] sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. (Deleuze, 2010, p.160)

Ao colocar em análise a micropolítica do trabalho vivo em ato no Ceco, não se pretende reforçar os binarismos corriqueiros de reflexões reducionistas. O bom

ou ruim nesses processos. Aqui, buscaremos, seguindo a proposta de Merhy (2007) no trabalho em saúde, interrogar quais razões instrumentais os estão constituindo e dentro de que jogo de intencionalidades. Qual modelagem de trabalho vivo em ato se está operando? Qual o lugar que os usuários/necessidades e os trabalhadores/necessidades, como intenções, ocupam na rede de relações que as constituem?

Processos intercessores que os encontros cuidadores constituem, campo de desafios que trazem um novo território de visibilidade, os Cecos apresentam a existência de diversas tecnologias de cuidado operando transversalmente.

Um novo território de visibilidade aparece nesse campo: o das mudanças produtivas na construção do cuidado, que compreende a clínica e suas inúmeras expressões, a gestão enquanto processo de trabalho condutor de cuidado, viabilizando intercessões.

4.4.5 Encontros vividos 4: Micropolítica do trabalho afetivo em ato: Essência singular, uma vida...

Não deveria ser preciso conter uma vida no simples momento em que a vida individual confronta o morto universal. Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que tal ou qual sujeito vivo atravessa e que tais objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que sejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata. (Deleuze, 2002)

Mais um acontecimento de Marias. Marias trabalhadoras, no encontro com outra Maria um tanto sem lugar ou num lugar outro a ser acessado... Com a vitalidade de uma juventude se esvaindo, as identidades de uma vida dissolvendo-se. Escorrendo no tempo acelerado do Alzheimer precoce, diagnosticado aos 33 anos.

Do que precisa essa Maria? O que pode ajudá-la? Fisioterapia? Terapia ocupacional voltada para treinamento de avds? Apoio aos familiares? Mais atendimentos na neurologia? Adaptação funcional da casa? E o Centro de Saúde? O que pode, nessa situação, um Ceco? Qual espaço suportaria acolher a

subjetividade de uma vida indefinida? Qual espaço suportaria testemunhar o vazio deixado por cada perda de memória, de traços de identidade de histórias-acontecimentos que definem uma vida, uma subjetividade? Como acompanhar a desaprendizagem de atos-hábitos vitais como falar, comer, beber, cortar, amassar, abraçar, beijar, ir ao banheiro, andar, sorrir, cantar, dançar....? Como presenciar pouco a pouco o ir-se, o desfazer-se?

A avó de Maria, outra Maria, aos seus resistentes 80 anos, já experientes na arte de testemunhar perdas decorrentes do Alzheimer precoce, doença que marcou a existência de toda sua família, disse às Marias trabalhadoras do Ceco que sabia que sua neta só precisava estar ali. Apenas isso. Estar ali.

Assim iniciaram suas vindas ao Ceco. Sempre juntas, a neta e a avó. O grupo de culinária foi o espaço escolhido para testemunhar essa presença em desfazimento. Apenas estar ali. Em meio às receitas, conversas, sorrisos, desafios, muitas presenças se misturavam à presença de Maria. Misturas de bolos, salgados, sorvetes, roscas, pães, massas, molhos, cremes, cheiros e sabores numa alquimia intensa de memórias, histórias e afetos.

Momento em que a cozinha do Ceco apresenta-se como um lugar outro. Desses lugares que se distinguem dos outros, lugares de passagem, lugares-momentos, lugares-acontecimentos, lugares que transportam, lugares que se opõem a todos os outros e que são, como disse Foucault, *contraespaços* (Foucault, 2013). Utopias localizadas, utopias situadas, esses lugares reais fora de todos os lugares, que as crianças conhecem tão bem. Como os fundos de um jardim, a tenda de índios no quintal, as barracas erguidas em meio à sala, o cantinho secreto dos brinquedos, a grande cama dos pais.

É nessa grande cama que se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas; depois essa grande cama é também o céu, pois se pode saltar entre as molas; é a floresta, pois pode-se nela esconder-se; é à noite, pois ali se pode virar fantasma entre os lençóis... (Foucault, 2013, p. 20)

Foucault (2013) fala sobre uma ciência que teria por objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Uma ciência que não estudaria as utopias, reservadas de fato para aquilo que não tem lugar algum, mas as hetero-topias, espaços absolutamente outros.

O outro lugar que, num instante, num momento, produz lugares outros nas subjetividades presentes. Algo se produz ali, naquela cozinha, em meio a presenças outras que eternizam instantes em heterotopias. Momentos-lugares-acontecimentos que podem ser visitados e revisitados nos corpos-presenças.

Maria estava ali, em um lugar outro, presente com outros corpos e outras subjetividades. Uma presença que pedia outra presença. Estar junto. Estar ali junto para cortar, misturar, experimentar. Testemunhar e captar instantes, sopros, momentos onde, de repente, um olhar permitia se cruzar e sorrir. Essa era a presença de Maria, estar ali numa heterotopia, na produção de outras heterotopias.

Em meio a uma subjetividade diluída, uma presença distraída, cada vez mais distante, evidenciando incertezas em como lidar com perdas tão marcantes, outro instante apresenta-se. Numa festa de aniversário do Ceco, ao ver o grupo de dança se apresentar, Maria se levanta vem até mim e diz que quer dançar. Juntas, de mãos dadas, ao ritmo da percussão árabe, marcamos os pés e soltamos os quadris. Maria sorri. Está ali. Junto. Num instante-momento-acontecimento. Num sopro que a vida insiste em passar.

Assim, Maria inicia sua ida ao grupo de dança do ventre. Vem acompanhada de outra Maria-trabalhadora-fotógrafa, que, junto, agencia a presença de Maria no grupo e capta com suas lentes instantes-acontecimentos.

Distraía-se, andando pela sala erraticamente, aparentemente ausente. Quando algo a despertava, colocava-se ao nosso lado e dançava. Às vezes, apenas mostrava um encanto, um olhar procurando outros olhares, conectada por um instante a uma música mais acelerada ou batidas percussivas mais fortes, um gesto, o balançar das moedas de seu cinto de dança, que se agitava nos instantes que a captavam nos movimentos.

O grupo interagia, a chamava para a roda nos momentos que se mostrava mais dispersa, não se interessavam pelo o que acontecia no mundo das doenças, não perguntavam, não mostravam curiosidades, mas entendiam que algo ali pedia o estar junto. Estar juntos ali. Dançando.

As tardes de quinta no Ceco eram povoadas por sua presença distraída, por instantes-presentes onde dançava, experimentava, transitava, desterritorializava e se retorritorializava. Ali. Junto.

Marias trabalhadoras colocavam-se à espreita. Num devir-animal à espera de instantes-acontecimentos que captavam presenças no corpo de Maria. Em vigília. Corpos abertos a captar instantes, momento fugaz onde algo se enlaçava, se oferecia, se conectava para, no momento seguinte, desconectar e dissolver-se.

Maria trabalhadora-fotógrafa, ao acompanhar, certa vez, um grupo de culinária, percebeu Maria distante, ausente. Colocou-se com sua lente ali, à espreita, espiando no silêncio, num vazio, num entre. Num instante, Maria a olha, cruza seu olhar, sopra sua presença no toque do click, captando, assim, seu corpo-presença, um piscar de olhos, memória eternizada de suas passagens pelo Ceco.

Entre dois corpos por mais juntos que estejam existe um espaço, um entre que faz sentir, um intervalo de espaço, um breve abismo por onde o mundo pulsa. Neste ínterim, se produz o devir que cria o ato fotográfico e o ato de pesquisar... A fotografia e a pesquisa desejam a superação do olhar passageiro, da matéria em movimento, do transitório: é quando a vida pede por memória. Fotografia e pesquisa são memórias do mundo ou máquina que altera e libera fluxos dos devires do visto e do sentido... Dispositivo para a territorialização dos olhares. (Gomes, p.177)

Dessa forma, os registros fotográficos compõem essa pesquisa. Nas forças que pediram por memória, por escritas, fotos, linguagens- testemunhas do vivido. Momentos eternizados dos encontros.

A potência da vida insistia e, junto com ela, conectada a ela, os avanços avassaladores do Alzheimer precoce, agressivamente invadia e capturava. Maria começou a ter complicações que comprometeram muito seu quadro clínico, chegando a convulsionar regularmente, apresentando dificuldades em locomover-se, alimentar-se, necessitando de sonda. Iniciou uma série de internações, com mais perdas, chegando a ser entubada numa unidade intensiva de tratamento. Não resistiu. O corpo biológico não resistiu. O corpo-presença, sempre presente, insistiu.

Em sua despedida do corpo-biológico, uma homenagem da família de Maria às Marias trabalhadoras do Ceco, o cinto da dança do ventre a acompanhou. *“Uma de suas últimas paixões, a dança...”* disse sua irmã.

O corpo-presença eternizou instantes potencializadores, marcando os lugares- passagens de Maria no Ceco. Lugares outros, que acolhe os sem-lugares, ou seria os que estão em outros lugares a serem acessados? Heterotopias vivas, não numa vida que se opõe à morte, mas numa vida que insiste, que transporta, que atravessa acontecimentos, momentos, instantes.

Após alguns meses, um encontro do grupo de culinária aconteceu na casa da avó de Maria. Momento construído como fonte de solidariedade e potência à família. Receitas de pães e bolos, que também marcaram a existência de sua família, compartilhados com o grupo-testemunha das presenças de Maria. Há muitas outras marcas a serem compartilhadas.

Produção de vida intensiva, sem negar a presença da morte, das forças que decompõem. Lugares outros, lugares-passagem que deixam passar, deixam vazar, transbordar. Suportar a vida. Deixar que ela passe.





4.5 Produções em gestão: Territórios da gestão

Nos territórios da gestão é preciso colocar em análise as forças em jogo, capturas, potências. Deslocá-las, agenciá-las, desterritorializá-las, produzindo novos territórios existenciais.

Mas também é preciso construir estratégias de contorno no agir-gestor “Uma morada que possa funcionar como ancoragem e proteção contra o caos. As marcas vão construindo essa ancoragem. Ao mesmo tempo, essa morada é percorrida por movimentos de desterritorialização” (Lima, Yasui, 2014, p.602).

Chamados-chamamentos-convocações do lugar-gerente/lugar gestor...⁵

Quantos diabéticos frequentam o Ceco? Quantos hipertensos? Quantos idosos? Quantos fazem tratamento na saúde mental? Quais os diagnósticos? Sabemos que os Cecos não trabalham com diagnósticos específicos, isso é bom, mas para mostrar nos espaços da saúde, da gestão, dos indicadores, dá mais impacto e valoriza o trabalho de vocês...

No cadastro dos usuários que chegam ao Ceco, é preciso saber onde fazem tratamento, qual medicação tomam, a qual região pertencem!

Precisa ter um questionário para saber se as pessoas melhoram depois que vêm para cá. Ver se a glicemia e se a pressão melhoram, a qualidade de vida, se diminui a medicação, se melhora o sono...

Mas o trabalho no Ceco é mais leve, mais tranquilo, os trabalhadores não sofrem como nos Caps... o trabalhador do Caps tinha que ganhar mais que o do Ceco...

A equipe do Ceco é menor, não dá tanto trabalho, o gestor não tem tanta demanda, por isso ganha menos que os outros gestores.

A secretaria de saúde quer experimentar outros modelos na saúde mental aqui em Campinas; no Ceco, acreditamos que é possível ter um gestor para dois Cecos, seria, na verdade, um articulador e isso otimiza recursos.

⁵ Narrativas retiradas do diário de campo e arquivo pessoal da pesquisadora.

Tem muita gente querendo vir pra cá. Nem pensei duas vezes na hora escolher, esse Ceco é bem falado, a gestão, o trabalho, a equipe, queria muito estar aqui e fui muito bem acolhida! Quanto afeto!

É importante valorizar esse espaço, aqui vocês podem construir um trabalho pelo desejo.

Cada uma dessas falas emerge em momentos distintos, a intensa experiência de ocupar um lugar de gestão. Lugar de passagem, de trânsito, de fluxo, de movimento. Porque, como nos aponta Onocko (2003), não se é gestor e sim se está gestor, num dado momento, num dado lugar, num estado-passagem, em trânsito. Experimentando a gerência e não sendo a gerência.

Sob a luz do trabalho afetivo, na vertente do que discutimos sobre o trabalho feminino, podemos pensar os processos de gestão na dimensão do gerir e gerar.

O gerir remete a uma ação sobre a ação dos outros, fortemente amarrada ao exercício do poder no modelo hegemônico de gestão. “A gestão tem sido a disciplina do controle por excelência. Preocupada sempre com o aumento de mais-valia, de produtividade, de reprodução do status quo” (Onocko, 2003, p. 124).

Muitos dos chamamentos narrados acima trazem o chamado do gerir, do gerencialismo, da Racionalidade Gerencial Hegemônica, da Atenção Gerenciada. Lógicas de gerência tayloristas e neotayloristas, embasadas em métodos disciplinares de controle, de produtividade, concorrência de mercado, indicadores de produtividade, onde predomina um olhar de separação entre planejamento, clínica, direção, concepção e execução de tarefas.

Lógicas de gerência que não dão conta da complexidade da gestão dos serviços de saúde. Mas que estão capturadas e atravessadas a muitas instâncias de gestão. O que nos coloca não apenas a criticá-las, mas também a analisá-las, refletindo sobre as forças que as agenciam nas práticas de gestão, inaugurando, assim, estratégias que dialoguem com esses chamamentos, abrindo espaços de fissuras, causando desvios, construindo outras formas de gestão. Gerando, criando, experienciando a gestão em sua dimensão de gerar.

O gerar, no sentido de possibilitar, de criar, de produzir, de sustentar a emergência, o nascimento de movimentos de desterritorialização do instituído.

Sustentando possíveis reterritorializações na medida em que se liberam espaços de experimentações coletivas e criação de zonas de comunidade. Tomadas de decisões, projetos em comum, instâncias onde a análise de implicação se potencialize diante daquilo que se produz.

O gerar, o gestar, a gestão enquanto dispositivo que potencializa a ação coletiva instaura processualidades, fomentando linhas de fuga, vetores de desterritorialização capazes de transversalizar as linhas duras do cotidiano das tarefas, dos chamamentos gerencialistas, de modo que o trabalho venha se potencializar por uma agitação de sentidos que o vivifiquem em prol de encontros saudáveis, que aumentem a potência de vida dos indivíduos e dos coletivos (Galletti, 2007).

Nessa direção, o planejar, o decidir, o executar, o avaliar não se separam e, assim, a atividade e a gestão da atividade não constituem instâncias separadas. Há conexão entre o pensar e o agir no processo de trabalho. Tal regime de produção não se dá sem que ao mesmo tempo sujeitos se produzam (Barros e Barros, 2007). Sujeitos trabalhadores, sujeitos usuários, sujeitos gestores.

4.5.1 Ferramentas em gestão

Maria trabalhadora-gestora, ao apresentar-se para a gestão do Ceco, vivenciou e vivencia inúmeros desafios. Foram muitos os chamados e os chamamentos. Foi preciso construir, como nos ensina Merhy (2007), uma grande e diversa caixa de ferramentas. Ferramentas construídas nos processos de gestão, nos processos de publicização do exercício privado do agir a partir do mundo dos interesses dos usuários.

Ferramentas em gestão constante pelos processos vividos. Estas apresentam vetores de desterritorialização e reterritorialização, agenciadas em territórios outros de existencialização.

Ferramentas saberes, ferramentas procedimentos, ferramentas compreensão, ferramentas escuta, ferramentas formação, ferramentas agenciamento, ferramentas do próprio fazer-saber para o campo da ação gestora.

Ferramentas e suas valises que permitam a ação no campo da política, das práticas institucionais e dos processos de trabalho (Merhy, 2007).

Ferramentas que também produzem ancoragens e contornos.

Uma ancoragem transversal a todos os processos foi o SUS. Seus princípios e diretrizes nos orientaram a construir um espaço público, trazendo os interesses e necessidades dos usuários ao centro das ações do Ceco. Construimos, em planejamento conjunto, qualificando nossas frentes de intervenção: o acolhimento, as oficinas e os grupos, as ações no território, o processo de trabalho.

As supervisões institucionais, também se apresentaram como ancoragens fundamentais. Aliadas às diretrizes do SUS, formação, escuta, agenciamento, empoderando o fazer-saber de uma equipe em ato. Trazendo a reflexão sobre o lugar do Ceco na rede, sua missão, o lugar trabalhador, o lugar gestor, o lugar usuário.

Ferramentas que acionaram um importante deslocamento, o foco no cuidado ao trabalhador, onde o mesmo colocava seus interesses e suas necessidades no centro, para o foco no cuidado ao usuário. Desterritorializações onde o deslocamento de focos e interesses não traz uma sobrecarga ou um descuido ao trabalhador, ao contrário, o reposiciona enquanto trabalhador diante de seu fazer-saber.

...desterritorialização, entendido como movimento por meio do qual alguém deixa um território, desfazendo tudo aquilo que uma territorialização constitui como dimensão familiar e do próprio. Esses movimentos de desterritorialização são inseparáveis de novos mundos que se fazem em processos de reterritorialização, que não consistem em retorno ao território de origem, mas na construção de um novo território. (Lima e Yasui, 2014, p. 600)

Essa construção de um reposicionamento do lugar trabalhador traz a movimentação do instituído, abrindo fissuras ao instituinte. É preciso pensar as ferramentas enquanto sustentação às aberturas, ao processo de reterritorialização.

4.5.2 Desterritorializações: Bazar em supervisão

Muitas práticas balizavam o foco do cuidado, das ações do Ceco, na perspectiva das necessidades do trabalhador. Estes traziam suas experiências de

sofrimento vivenciadas nos espaços de trabalho e atualizavam, no Ceco, um espaço de cuidado ao trabalhador.

Os bazares, organizados com doações da comunidade, para arrecadação de verbas para o Ceco, eram primeiramente abertos para as trabalhadoras da equipe, que escolhiam as peças antes dos usuários convidados a estar no bazar. Muitas vezes, havia uma “limpa” no momento da doação. *“Esse eu compro, assim não ocupa tanto lugar até o bazar acontecer, quanto você acha que vale?”*

A própria ação-bazar mostrava-se sustentada numa lógica assistencialista capturada. Afinal, para que arrecadar mais verbas se já contávamos com um fundo fixo negociado com o Serviço de Saúde Cândido Ferreira? O que se faz com o dinheiro arrecadado do bazar? Os usuários do Ceco participam dessa decisão?

Na recepção do Ceco, uma caixinha colorida chamava a atenção: “Doações”. E, lá, os usuários deixavam contribuições para o serviço comprar materiais. O fundo fixo mensal negociado com o Serviço de Saúde Cândido Ferreira nos servia nesse sentido, além das compras possíveis negociadas diretamente no almoxarifado da instituição. Então, o que acontecia ali que se mantinha essa prática, solicitando doações dos usuários? Outro analisador era o fato de, ao manter o fundo fixo da instituição, acumulava-se grandes quantias de dinheiro do bazar no Ceco e de a equipe não ter clareza de como usar esse dinheiro. As somas se acumulavam, o dinheiro não era usado e as práticas de solicitação de doações e arrecadações não se alteravam.

Todos os serviços gerenciados pelo Serviço de Saúde Cândido Ferreira são mantidos pelo financiamento do SUS. A co-gestão com a Prefeitura Municipal de Campinas sustenta uma relação onde à instituição se apresenta 100% SUS. Assim, sabe-se que absolutamente nada pode ser cobrado do usuário. Nesse sentido, o que não fica claro para o Centro de Convivência?

Além da caixinha de doações, também haviam atividades coordenadas por voluntários, como a capoeira, a dança, a pintura em tela, onde se cobrava uma “ajuda de custo” para o usuário que pudesse pagar e, assim, colaborar com a vinda do voluntário ao Ceco. Nesses grupos, alguns usuários pagavam, outros não. Notava-se, na composição desses grupos, a presença marcante de pessoas da comunidade com poder aquisitivo maior. E, assim, a diversidade de pessoas,

situações sociais-econômicas-culturais-subjetivas múltiplas, tão cara aos grupos e oficinas do Ceco, não se apresentava como possibilidade desses encontros.

Ao trazer a marca dinheiro-espécie para o espaço desses grupos, independentemente de quem pagava ou não e de quanto se pagava, materializava-se e sobrepunha-se uma lógica capitalística, não comendo com a lógica inclusão-conexão do Ceco. Vetores esses que emergiam em direções opostas, confluindo na produção de uma homogeneidade capitalística, que, como nos coloca Guattari (1992), se impõe uma equivalência generalizada de valores e padronizações de comportamento.

Foram muitas discussões junto à equipe, que se colocava a refletir sobre as lógicas dadas. As questões, colocadas pelo lugar-gestor aliado ao momento da supervisão, vinham acompanhadas de um indagar estrangeiro, curioso, respeitoso, fundamentais para se abrir aos diálogos, desviando dos binarismos esperados como pergunta-resposta, certo-errado. Pois ainda que muitas práticas clamassem por intervenções emergenciais, não se tratava, ali, de julgar o bom e o mal, moralizando, mas mapear as produções institucionais e suas capturas e potências, que levaram a sustentar tais formas de produção. Assim, buscou-se cartografar qual território circunscrevia tais práticas, qual território-gestão seria preciso habitar e quais ferramentas seriam necessárias se fabricar, agenciando possíveis desvios.

A supervisão apresentou-se, também, como grande intercessora desses processos. Território de ruídos e seus vazamentos, operando como um bom dispositivo para equipe. No cotidiano, construíram-se encontros em aberto, disparando novas formas comunicativas entre si, comendo ferramentas em conjunto (Merhy, 2005). O entendimento dos porquês, as desterritorializações necessárias, as movimentações do instituído e as reterritorializações. Acompanhando, cuidando, sustentando, assim, contornos a novos territórios. Não se trata de impor uma nova forma de condução das práticas, mas de uma construção coletiva para criar novas aberturas, comendo olhares, buscando conexões no entre das relações, no entre dos processos.

Nas compreensões apresentadas pela equipe, essas práticas foram inauguradas no sentido de sustentar as parcerias das atividades no Ceco. Não havia um número suficiente de trabalhadores para ofertar os grupos, e os voluntários não

assumiam com responsabilidade e regularidade as atividades oferecidas. Assim, “*dar uma ajuda de custo*”, vinculava o “*voluntário*” ao Ceco.

Quanto ao bazar e à caixinha de doações, foram atividades criadas para dar conta da compra de materiais para os grupos, pois, quando o Ceco foi inaugurado, não contava, de imediato, com o fundo fixo da instituição, como outras unidades dispunham.

Os esforços, as saídas, as ações vinham ao encontro de sustentar algo do projeto Centro de Convivência que não se sustentava no macro institucional, na macropolítica. Ao mesmo tempo validadas pelo institucional, com ressonâncias dessas práticas em outros Cecos, que pouco a pouco se organizavam politicamente para fortalecer os projetos, contarem com a isonomia de recursos institucionais, com trabalhadores e com gestores.

Tratava-se, também, de uma produção vinculada à forma como os Cecos foram tomados pelos projetos de gestão na cidade de Campinas. Serviços-acessórios, muitas vezes entendidos como desnecessários por outros serviços da rede, pouco legitimados, pouco investidos, serviços-margem sustentados pelo desejo de poucos.

Conforme os Cecos afirmavam-se nos espaços institucionais, conquistando recursos, trabalhadores e gestores, os projetos ganharam investimentos, mas as lógicas instituídas insistiam em manter-se. Não estávamos num território estático, era preciso movimentar, desviar, dançar, desterritorializar.

4.5.3 Encontros vividos 5: Construções coletivas produzem coletividade.

Muitas questões se abriram com o tema do bazar. Um mal-estar entre o que fazer, o como fazer e o não-saber-fazer. Ficamos desajeitadas. Interrompemos essa atividade no Ceco. Perdeu-se o sentido. Havia muito a ser pensado, amadurecido, entendido. Reterritorializar-se pede tempo. Tempo aos processos, tempo a habitar novos territórios.

Por alguns anos não repetimos a prática do bazar no Ceco.

Recentemente, porém, recebemos muitas doações de figurinos de dança. Nas apresentações do grupo, algumas peças eram usadas, garantindo, assim, que muitas frequentadoras do grupo se apresentassem.

Mas não havia espaço físico para guardar de forma adequada tantas peças. Preocupamo-nos em estragar e perder os figurinos.

Divido, então, essa preocupação com a equipe e com os dois grupos de dança do ventre que temos no Ceco, novamente o tema do bazar surge em nossas discussões. Vender a valores acessíveis os figurinos para as frequentadoras do grupo? Mas se recebemos de doação porque não simplesmente doá-los para as frequentadoras do grupo?

Abro então essas questões com os grupos de dança. Coletivizar decisões e discussões amplia nossa potência de agir, legitimando também os atores envolvidos.

Juntamos os dois grupos e abrimos a discussão com as Marias-bailarinas. Muitas ideias entram em cena: os figurinos foram doados aos grupos de dança do Ceco, trata-se, então, segundo a conversação com as Marias, não de algo para alguém, mas para aqueles grupos.

Pensamos, então, num bazar-encontro com danças, confraternização entre os grupos e a venda de algumas peças, mas outras poderiam ficar no Ceco para que sempre pudéssemos agregar pessoas novas que não tinham figurinos e que querem se apresentar. Muitas Marias-bailarinas passaram por essa situação ao entrar no grupo.

Mostro aos grupos o pequeno espaço que temos para guardar e decidimos as peças que iriam para o bazar. Mas e o dinheiro? O que faríamos com o dinheiro?

Muitas propostas surgem: comprar tecidos para confeccionar outros figurinos, comprar alguns acessórios de modalidades da dança do ventre, ter uma “reserva” para alugarmos transporte para as apresentações. Em meio a tantas ideias interessantes, surge a proposta de uma Maria-bailarina em colocar um ar condicionado na sala de dança do Ceco: *“Passamos muito calor, já vi gente passar mal, pois somos muitas e a sala é pequena, e também outros grupos acontecem nessa sala, outras pessoas podem se beneficiar, e podemos contribuir com algo aqui, pois recebemos muito desse lugar”*.

Os grupos imediatamente concordam, fazem festa e aplaudem a proposta de Maria. Recebo a proposta um tanto surpreendida e emocionada. Vibrações intensas

de potência e alegria nos invadem nesse momento, seguindo uma série de depoimentos do quanto o Ceco e o grupo de dança contribuem para a vida dessas mulheres.

Falam das superações experimentadas na dança, dos sentimentos de alegria, satisfação, das descobertas, das relações com o corpo, algumas emagrecendo para sentirem-se melhor, outras aceitando o corpo que possuem, entendendo que, da forma que são, dançam, se realizam e se lançam a outros territórios. Falam do empoderamento que pouco a pouco as invade nas relações: “*se consigo aqui, consigo na vida*”.

Marias que se descobrem bailarinas, Marias que se descobrem mulheres.
Construções coletivas produzem coletividade.

4.5.4 Reterritorializações: Gestão poética- função heterogênesse

Produção de gestão, produção de processos-instâncias de subjetivações. Agenciamento de produção das relações intercessoras, transversalizadas, singularizadas. A gestão desses processos abrem guias de invenções de possibilidades e o reencantar do concreto das experiências, o trabalho vivo que intensifica as experiências, poetiza as experiências (Galletti, 2007).

Galletti (2007), ao trazer o tema da gestão no Centro de Convivência, apresenta uma função-gestão enquanto poética da saúde, entendendo a inseparabilidade de saúde e gestão e afirmando a gestão enquanto posição clínico-política.

A gestão é aqui tomada como dispositivo dessa poética intensivista. Nesse caminho, na oscilação própria dessa experimentação, que é também desmanchamento de um lugar da gestão, para fazer aparecer à função de gestão- um dispositivo de gestão- à medida que essa função não é mais de alguém (de um gerente), mas uma função na experimentação conectiva da rede. (Galletti, 2007, p. 23)

São inúmeros os desafios de gestão de um espaço como esse. Poetizar as experiências se apresenta como possibilidade na medida em que se aposta nas transformações subjetivas. Na medida em se aposta no outro, em que se aposta no

coletivo, em que se aposta na vida, em que se respeitam os modos diversos de se levar a vida.

Posição de gestão fundamental é apostar na potência. Procurá-la, ainda que muitas vezes se esquiva em apresentar-se. Inaugurá-la ao descobri-la inesperadamente, convocá-la, afetá-la, conectá-la. Posição esta clínico-política que sustenta processos de reterritorializações nas equipes e conseqüentemente, nos processos vividos junto aos usuários. Efeito de contorno e cuidado em rede.

Contornos que podem alavancar o outro nos atos de se autonomizar, explorando descobertas, propondo novos modos de agir (Merhy, 2005).

Lima e Yasui (2014), ao pensar a clínica na conexão com territórios relacionais, apresentam uma perspectiva à qual podemos engendrar uma perspectiva de gestão, numa posição de gestão clínico-política. Trata-se, então:

...de acompanhar, cuidar e investir em movimentos de reterritorialização para que estes possam operar a criação de uma nova terra na qual seja possível traçar linhas de vida. É preciso sustentar a construção de territórios existenciais, mesmo que efêmeros e nômades, que possam se abrir, estabelecendo relações com outras vidas e com outros mundos [...] é preciso pertencer a um território para desterritorializar-se [...]. (Lima & Yasui, 2014, p. 601)

Podemos pensar uma perspectiva clínico-política de gestão numa função-heterogênesse. Opondo-se à produção da homogênesse capitalística. Deleuze e Guattari (*apud* Lima & Yasui, 2014) pensam a heterogênesse, como algo novo e inusitado que se afirma e se produz, busca permanente e cotidiana, da instauração de um processo contínuo e singular de produção da existência.

Heterogênesse diz respeito à produção da diferença, daquilo que escapa da homogeneidade e do já instituído. Os processos de reterritorialização referem-se à composição de territórios existenciais, que se segue ao desfazimento de outros. (Lima & Yasui, 2014, p. 600)

No campo das produções de gestão, é preciso estranheirar-se gestor, estranhar-se. Agenciar as forças em cenas, e não negá-las ou recusá-las, engendra-se pelos devires da gestão, das forças gerencialistas, das normas, abrindo brechas para que novos devires se apresentem, se subvertam. Jogar com as forças normativas para que a função-heterogênesse aponte.

Leis, controle, ordem, acolher, cuidar, provocar, desestabilizar, escavar potências, criar cenários coletivos múltiplos de expressão do trabalho, da força coletiva, da vida em expansão.

Produção-clínico-política em gestão numa função heterogênea, onde mais do que buscarmos legitimar e validar as práticas de um serviço é preciso instaurar novos regimes de visibilidade e sensibilidade às experiências, aos encontros. Ampliar as zonas de afecção, os perceptos, os afectos, provocando outros olhares às produções no plano dos encontros do Ceco.

Dar lugar a processos de produção de saúde e de subjetividade, o que implica a inserção em processos de criação voltados para a construção de novas línguas, novos territórios, novos sentidos (Lima & Yasui, 2014, p. 599).

Uma gestão poética-afetiva-sensível. Que leve em consideração a produção de trabalhadores afetivos-vivos, que operam em ato num serviço-dispositivo que traz afectos sensíveis à cena e os coloca em circulação. Línguas de comunidade, de passagens, de intensivas produções nos territórios dos encontros.

4.5.5 Encontros vividos 6: Saídas

Maria-trabalhadora estava cansada. Atestados, atrasos, consultas, medicações, confusões. Adoecida pelas durezas que a vida pode apresentar. Não entendia como poderia não estar dando conta do trabalho, em um local como o Ceco. Tão potencializador de vida. Muitas vezes, o trabalho nessa linha sensível coloca o trabalhador em afecção constante com planos sensíveis da vida. Captando afectos por todos os poros, no corpo vibrátil. Experiência que também desgasta, pois capta dores em suas múltiplas manifestações. Produções de sofrimento em meio a tantas existências precárias. Um trabalho que, muitas vezes, potencializa a dor.

Maria-trabalhadora endurecia com a equipe, tencionava, excedia, ora em contrapontos construtivos, ora em expressões mais destrutivas. Desencontros. Mostrava-se tomada pela sobreimplicação no trabalho, onde apenas um único e individual referencial se apresentava como possível.

Como lidar com tantos excessos, esparramados nas relações, transbordando, gritando por contornos? Como construir limites nas relações de trabalho, transitando nos afetos, nas questões institucionais, entendendo que a expressão do trabalho incide diretamente na relação com o usuário?

Problematizar conflitos toca nos afetos. Muitas vezes, acha-se melhor não olhá-los. Mas lá eles ficam. Insistindo.

Foram muitos momentos. Alguns duros, outros de confidências, outros de repactuação do trabalho, outros de acolhimentos, outros de limites, conflitos, reconhecimento, contratos. Momentos preservados.

Oscilações no desejo frente ao trabalho e nas implicações da gestão: Descartar um trabalhador por não estar “rendendo” como antes? E suas contribuições ao serviço já experienciadas, ao crescimento e fortalecimento do trabalho? E a equipe, que estremece frente a um parceiro que não responde mais ao esperado? Como lidar com diferentes ritmos de produção do trabalho? Quais linhas possíveis de se agenciarem?

É preciso abrir espaço para o que pede passagem. Construir caminhos coletivos de possibilidades. Linhas de contorno, de outras direções, suportar a diferença em suas singularidades.

Maria-trabalhadora descobriu que tanta diferença a desterritorializava. Invadindo seus limiães do que é possível suportar. Havia um tempo possível para estar ali. Construimos, então, nos espaços abertos, para os afetos passarem, tempos de movimento, tempos de mudanças, tempos de saída. É preciso encontrar-se com muitas saídas e que essas sejam múltiplas.

Em qual tempo o trabalho afetivo se calcula? Como medir a efetividade do trabalhador afetivo? Abrir um tempo de construção das presenças, investir na qualidade das presenças no trabalho. Tempo artesão de construção e sustentação dos desejos. Naquilo que se expressa o trabalho e a vida que o enlaça.

Maria-trabalhadora construiu sua saída em agenciamento. Suas múltiplas saídas. Pensamos em prazos, excedemos o combinado, depois encurtamos, redefinimos, em meio aos projetos já em andamento no Ceco. Em meio à vida que não para. Articulamos em equipe, em coletivo, sustentamos um corpo-trabalho. Apostamos.

Poder sair entendendo as forças que se passam em seu território de existência. Não responsabilizando o outro, mas envolvendo-se com a própria escolha. *“Não vou agir de forma a ser mandada embora. Um espaço como esse não precisa disso. Vou sair porque preciso viver outras coisas...”* Compromisso ético com o desejo. Trabalho nada dado, mas muito construído. Num lugar clínico-político da gestão numa função-heterogênese, na experiência do trabalho afetivo-vivo em ato.

Gestão poética, Gestão afetiva, Gestão sensível

Gestão artística: arte de se avizinhar com as produções híbridas - onde se faz o emergir e o surgir talentos

Às vezes já instalados outros inaugurados

Gestão experimentação

Gestão de excessos, sucessos, intrigas

Fadigas

Gestão de entradas, saídas, aberturas

Onde se disputa com o tempo, alargando suas bases

Lentificando, desacelerando, potencializando

gestão menor: “g” da Gestão - oposta às homogeneizações - a favor das singularidades

Que cria zonas de comunidades, nas pequenas grandes entregas

Qual o acesso?

Onde se encontra os desejos

É preciso coragem

Arriscar-se gestor

Estrangeirar-se gestor

Trabalhador-sensível-gestor-afetivo

Gestor de vidas em expansão

Apostador de potências







Capítulo 5: O encontro com as imagens

5.1 Marcadores do tempo... intercessores das intensidades...

...há algo que não se consegue apreender e representar por palavras conhecidas. Outros tempos, outros sentidos fazem-se no silêncio inapreensível das imagens...

Alik Wunder

Nesta cartografia das produções nos encontros do Ceco, mais um momento se apresenta como disparador. O encontro com as imagens. Com as fotografias que, de alguma forma, fazem ver o indizível das palavras e o invisível do plano das intensidades. Marcas das marcas.

As fotografias que compõem esta pesquisa foram produções de uma das psicólogas que esteve no Ceco temporariamente aguardando o desligamento institucional, após rompimento do convênio Cândido-prefeitura com a atenção básica. Assim, os profissionais que compunham esse grupo foram afastados dos Centros de Saúde ao qual estavam ligados e remanejados temporariamente para alguns Cecos até que as demissões fossem autorizadas.

O fator tempo mostrou-se uma incógnita nas incansáveis reuniões de negociações para que essas demissões fossem concretizadas. Um mês, dois meses, seis meses, um ano... Longas e desgastantes conversas institucionais. Consultas a advogados, cartas ao ministério público do trabalho, moções ao Conselho Municipal de Saúde, seleções em outras unidades para que não se demitisse tantos profissionais.

Que marcas seriam possíveis de se produzir nas incertezas do tempo de estar ali? Como tornar a estadia num serviço-saída catalizadora de desejos por um trabalho ainda em ato? Por um trabalho que convoca envolvimentos, investimentos, presenças. Como estar presente já estando ausente? Entrando, aguardando a saída, encantando-se com novos projetos, angustiando-se com o tempo, controlando o envolvimento, forças múltiplas em agenciamento.

Em seus estranhamentos com o saber-fazer-no-Ceco e o saber-fazer-na-atenção-básica, em sua espera estendida por questões capturadas pela morosidade institucional, sustentada por seu compromisso ético com a clínica, Maria-

trabalhadora-fotógrafa foi registrando em suas lentes a produção do Ceco e seus encontros. Apostamos que sua habilidade com a fotografia nos daria sinais de como construir seu transitório percurso no Ceco.

Pensando no Ceco enquanto um dispositivo que se permite construir lugares aos sem-lugares, que se permite ser hospedagem aos que estão de passagem, que se permite recolher marcas e, ao mesmo tempo, instigar que outras se produzam, os registros fotográficos concretizam passagens, produzem matéria, memória e corpo.

Linguagem que realiza um corte no tempo e torna-se estética do instante. Dispositivo para territorialização de olhares: “o olhar que se autodiferencia enquanto olha na construção do visível...” (Gomes, 2012, p. 177).

Encontrar-se com a produção do Ceco através de suas marcas materializadas, territorializando presenças. Maria-trabalhadora-fotógrafa ficou um ano no Ceco Rosa dos Ventos, envolvida com a produção das imagens.

A potência de seus registros movia ao inominável dos sentidos em constante escape e desconexão, intensa abertura para experiências não determinadas, acesso ao sensível produzido no plano das intensidades.

O encontro com essa produção nos capturava, provocava o *inominável*, um *campo cego*, a *passagem de um vazão*, uma *força de expansão e mutação viva*. Barthes, ao trabalhar o tema da fotografia, chamou de *punctum* a conexão com certas imagens nas fotografias, com certos detalhes nas fotos que nos captam “o acaso que me punge (mas também me mortifica e me fere). Parte da cena como uma flecha, e vem me transpassar...” (Barthes, 2015, p. 29).

Pontos sensíveis, marcas, feridas, pequenos cortes, estalos, abalos, expressões em turbilhão que saltam das fotos e flecham. Convocando-nos ao trabalho do pensamento, à entrega de imagens que falam no silêncio.

As produções intensivas do Ceco não estão no mundo das palavras, do dizível, do classificável, do nomeável. Desde o início dessa pesquisa, nos deparamos com esse desafio, como falar do que escapa às palavras? Qual linguagem trazer à pesquisa, buscando a visibilidade da produção intensiva do Ceco no plano sensível dos encontros?

À medida que os registros fotográficos ganhavam presenças nas produções do Ceco, forças atravessam essas produções. Os olhares, os gestos, os sorrisos, os corpos, o cansaço, as alegrias, os espaços, as cadeiras, o cigarro, as toalhas das

mesas, o jeito de ajeitar os óculos, as agulhas costurando, os pés machucados dançando, os cabelos trançados, a pipoca com as crianças, as mãos ágeis marcadas pelo tempo, as rugas de um retrato do tempo eternizado na memória de um instante.

Cenas-momentos que traziam, ali, o intensivo dos encontros no Ceco. Estava ali o que queríamos cartografar. O desafio de produzir uma escrita imersa nessas forças e não escrever sobre as fotografias, mas escrever e pensar pelas fotografias, atravessando e sendo atravessadas por elas (Wunder, 2011). Pensar por imagens.

As fotografias como intercessoras do pensamento, disparadoras de um *entre-lugar*, entre o visível e invisível, entre morte e vida dos sentidos. Um desequilíbrio, pulsação vibrátil, desconforto nas definições, convite à expansão dos sentidos, à experimentação do finito e infinito do tempo. Lugar de trânsito entre o que foi e o que é. Há um outro tempo que se instaura no presente vivo do encontro com a imagem (Wunder, 2011).

Maria-trabalhadora-fotógrafa produziu marcas, registros, memória dos encontros que testemunhou no Ceco. Encontros que também a atravessaram, que conectaram suas próprias marcas.

Marcas que marcaram o olhar diante desta pesquisa. Que insistiram em estar presentes, afetando enquanto *punctum* vibrátil, provocando a escrita, o pensamento, desassossegando.

As imagens do Ceco, seus encontros, seus lugares, seus tempos, seus personagens. Agentes dos instantes de produção de vida. Detalhes menores que acessam devires em experimentação, subjetividades em movimento, vidas outras que se apresentam. Imagens que trazem em si a intensividade dos encontros em suas multiplicidades.

Em busca do sensível, a revelação das marcas-imagens apresentam possíveis cartografias dos encontros no Ceco.

Sinto muito...

Sinto muito mesmo

cada olhar que me abraçou,

cada sorriso que me partiu.

Partiu, repartiu, refez

E nesse processo de descolar...

Não calar o que revira e me fez vida e laço de Rosa,

Sinto bem dentrinho de mim

cheiro de bolo feriado, dança dos Ventos e rebolado,

beijos doces em Socorro,

Sinto que foi um obra, prima (s).

Ana Dourado



CONCLUSÃO

Mas se eu compreender para aceitar as coisas - nunca o ato de entrega se fará. Tenho que dar o mergulho de uma só vez, mergulho que abrange a compreensão e sobretudo a incompreensão. E quem sou eu para ousar pensar? Devo é entregar-me. Como se faz? Sei porém que só andando é que se sabe andar e – milagre – se anda.

Clarice Lispector

Nos espetáculos de dança, o encerramento exprime o momento onde todo coletivo que se apresentou agrega-se no placo. Os artistas se encontram, em corpos inundados em presenças alegres, para finalização de um trabalho em contínuo acabamento. Muito se fez para ali estar. Num momento, num instante-presença. Muito ainda continuará a ser feito. Produção pura de alegria, aumento de potência, expansão de vida, êxtase em compartilhar produções expressivas por tanto tempo habitadas, trabalhadas, experimentadas.

De certa forma, encerrar este trabalho carrega essas afecções. São tantos atores a trazer no palco das experimentações, tantos ensaios, tantas coreografias, intensas cartografias.

E a inusitada sensação de que não há o que concluir, não há o que finalizar. Pois a aposta na produção de encontros em lugares-heterotopias como os Cecos podem ser não se apresenta como modelo, molde, ou o que se deve fazer para, com tais e tais resultados... Trata-se de experiências a serem compartilhadas e que se apresentam enquanto possíveis linhas de abertura ao sufocante momento de massificação em que se vive no contemporâneo. Linhas de resistência, de aberturas possíveis no curso dos processos.

É possível um movimento heterogénico de desvio, de singularização nas práticas, ainda que muitas vezes “encomendadas” na saúde/saúde mental.

Anunciar novas formas de lidar com as experiências é relacionar-se com elas. Há uma necessidade de entrega e confiança. Entrega ao que nos conecta as zonas de comunidade e confiança ao lidar com as diferenças e, as zonas de singularidades.

A zona de comunidade, isto é, a descoberta daquilo que os outros corpos nos convém ao nosso, é apenas o primeiro patamar de uma relação consistente. Naturalmente, por mais raro que tenha se tornado, este ainda é o patamar mais fácil de alcançarmos e aquele que talvez, nos dará a força necessária para conhecer o que é mais difícil: aquilo que nos outros é

diferente e corresponde a sua “zona de singularidade”. Porque é preciso uma potência ainda maior para se conhecer, nos outros corpos, aquilo que não nos convém. (Teixeira, 2004, p.7)

Afetar-se e ser afetado pelos estranhamentos vividos nos encontros, pelo que não nos convém, pelo que também decompõe, estranha e diverge. Habitar essas novas zonas de singularidades, onde se anunciam outros modos de existência. Estranhar os territórios de existência é encontrar-se com eles.

...quando estranho uma pintura é aí que é pintura. E quando estranho a palavra aí que ela alcança o sentido. E quando estranho a vida aí é que começa a vida. (Lispector, 1998, p. 83)

As cartografias das produções sensíveis no Ceco convidam ao estranhamento, ao descolar-se do senso comum, pondo-se à escuta das dissonâncias, buscando encarná-las nas práticas dos encontros, criando fissuras ao plano achatado e chapado do homogêneo, amparando as pressões de linhas de fuga que aos poucos tomam corpo, formando outros planos, abrindo arestas, brechas, frestas, rachando, decompondo, caindo (Rolnik, 1994).

Estar *com*, sofrer *com*, não evitar cair, mas amparar a queda, estreitar, nos encontros, uma ética da confiança que nos agencie a habitar novos territórios.

Amparar o outro na queda não para evitar que caia, nem para que finja que a queda não existe ou tente anestesiá-los seus efeitos, mas sim para que possa entregar-se ao caos e dele extrair uma nova existência. Amparar o outro na queda é confiar nessa potência, é desejar que ela se manifeste. Essa confiança fortalece, no outro e em si mesmo, a coragem da entrega. (Rolnik, 1995, p. 8)

Nesta pesquisa, buscamos *a-com-panhar* as produções intensivas do Ceco nas dimensões da micropolítica dos encontros produzidos a partir das dimensões trabalho-clínica-gestão, entendendo esses lugares, enquanto posições transversalizadas, que não se separam, mas se compõem no trânsito de múltiplas linhas, emergem experiências que alargam os entendimentos de cuidado, trabalho, gestão, saúde.

Multiplicidades que coexistem, se penetram e mudam de lugar, produtores de enunciados ou agentes coletivos de enunciação, nas linhas da produção de subjetividade (Deleuze & Guattari, 2011).

O componente “anti-capitalístico” dessas práticas e suas produções abrem múltiplas linhas de possibilidades ao enfrentamento dos processos normalizadores e disciplinarizadores, tão em alta neste momento das produções em saúde. Experiências possíveis de se vivenciar outros modos de existência distintos dos seus, de formas não ameaçadoras (Merhy, 2009).

Seria então, um possível indicador de um novo paradigma ético-estético para um dever de novas formas de vida, que implicariam não só no fim dos atos predatórios contra as formas atuais, mas como a construção de modos de vida pautados pelas relações solidárias e vivificantes dos modos de ser, nos quais as diferenças seriam expressões da vitalidade desejante e não ameaças. Nos quais a única ética seria agir na direção de favorecer a autopoiese do viver solidário nas diferenças, individuais e coletivas. No qual a minha liberdade é a sua liberdade na diferença. (Merhy, 2009, p. 287)

As produções do Ceco radicalizam as potências das tecnologias leves, seus movimentos, suas mutações, suas ancoragens no território do caos ao encontro com as zonas singulares, nos palcos da diferença.

Neste trabalho, dançamos com corpo-movimentos nos processos dos encontros. Corpo-trabalhador, corpo-gestor, corpo-pesquisa, corpo-usuários, corpo-clínica, corpo-Marias, corpo-cartógrafos.

E as Marias?

As Marias deste trabalho, quem são afinal?

Somos as Marias cartógrafas, Marias protagonistas

Marias trabalhadoras, Marias usuárias, Marias pesquisadoras, Marias orientadoras, Marias mães, Marias mulheres

Marias intensidades femininas

Marias noivinhas, Marias que colam, Marias que goram

Marias que sonham, Marias que se decepcionam

Marias que sofrem, que são felizes, tristes, Marias que resistem

Marias mulheres que insistem

Marias que dançam Marias que escutam Marias que fazem Marias que pintam

Marias que cantam

Marias que bordam Marias escritoras, Marias inventoras, Marias cozinheiras, Marias lavadeiras.

Marias fotógrafas, Marias psicólogas, Marias terapeutas, Marias artistas,

Marias professoras, Marias bailarinas

Marias guerreiras, Marias parceiras, Marias Marias

Só Marias

Tantas Marias

Incríveis Marias

Dessas Marias que andam por aí...



O que te escrevo é um “isto”. Não vai parar: continua.

O que te escrevo continua e estou enfeitiçada.

Clarice Lispector

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho (Org.) **Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; BARROS, Regina Duarte Benevides. Da dor ao prazer no trabalho. In: Santos Filho, Serafim B., Barros, M.E.B. (orgs). **Trabalhadores da saúde: Muito prazer! Protagonismo dos trabalhadores na gestão do trabalho em saúde** (Coleção Saúde Coletiva). v.1. Ijuí: Editora da Universidade Regional do Noroeste- UNIJUÍ, 2007. pp. 61-72.

BARROS, Regina Benevides. PASSOS, Eduardo. **Clínica, política e as modulações do capitalismo**. Lugar Comum, n. 19-20, pp.159-171, 2004.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Tradução: Julio Castanõn Guimarães. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. il. (Coleção 50 anos)

BEZERRA, Benilton. Desafios da Reforma Psiquiátrica no Brasil. **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, pp. 243-250, 2007.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Conferência no seminário internacional de educação de Campinas**. 2002.

BRASIL, Portaria nº 3088, de dezembro de 2011. **Rede de Atenção Psicossocial**. Ministérios da Saúde. Gabinete do Ministro. 2011.

CECILIO, Luiz Carlos Oliveira. Apontamentos teórico-conceituais sobre processos avaliativos considerando as múltiplas dimensões da gestão do cuidado em saúde. **Ver. Interface: Comunicação, Saúde e Educação**, v. 15, n. 37, pp. 589-599, abr./jun. 2011.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. NASCIMENTO, Maria Livia. **Análise de implicação: desafiando nossas práticas de saber/poder**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2004.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. NASCIMENTO, Maria Livia. **Sobreimplicação: práticas de esvaziamento político?** Disponível em: <http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos_sti/Cec%C3%ADlia%20Coimbra/texto22.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2016.

COSTA-ROSA, Abílio. LUZIO, Cristina Amélia. YASUI, Silvio. Atenção Psicossocial: Rumo a um Novo Paradigma da Saúde Mental Coletiva. In Amarante, Paulo (org). **Archivos de Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003. pp. 13-44.

COSTA-ROSA, Abílio; LUZIO, Cristina Amélia; YASUI, Silvio. A Estratégia Atenção Psicossocial: desafio na prática dos novos dispositivos de Saúde Mental. **Saúde em**

Debate, Rio de Janeiro, v. 32, n. 78/79/80, pp. 27-37, jan./dez. 2008.

DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana: cinco textos e uma entrevista de Gilles Deleuze**. Lisboa: Estudo Veja/Passagens, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 2. ed. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. 2. ed. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Kafka: Por uma literatura menor**. Tradução Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

ESCÓSSIA, Liliana. KASTRUP, Virgínia. PASSOS, Eduardo. (Orgs). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

FERIGATO, Sabrina. **Cartografia dos Centros de Convivência de Campinas: Produzindo Redes de Encontros**. 2013. Tese (Doutorado, Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, Campinas, 2013.

FERIOTTI, Maria de Lourdes. Equipe multiprofissional, transdisciplinaridade e saúde: desafios do nosso tempo. **Vínculo: revista NESME**, v. 2, n. 6, pp. 113-219, 2009.

FONSECA, Tania Mara Galli Fonseca; FARINA, Juliane Tagliari. Clinicar. In FONSECA, Tania Mara Galli. MARASCHIN, Cleci. NASCIMENTO, Maria Livia. (Orgs) **Pesquisar na diferença: Um abecedário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012. pp. 49-51.

Fórum Centros de Convivência de Campinas e Centro de Estudos dos Trabalhadores de Saúde de Campinas (CETS)- **Pesquisa de Avaliação dos Centros de Convivência de Campinas- 2011**. Trabalho apresentado na Prefeitura Municipal de Campinas, em novembro de 2011, como devolutiva aos diversos grupos focais envolvidos na pesquisa.

GALLETTI, Maria Cecília. **Oficina em Saúde Mental: Instrumento Terapêutico ou Intercessor Clínico?** Goiânia: Editora da UCG, 2004.

GALLETTI, Maria Cecília. **Itinerários de um Serviço de Saúde Mental na Cidade de São Paulo: Trajetórias de uma Saúde Poética**. 2007. Tese (Doutorado, Psicologia Clínica) - PUC/SP, São Paulo, 2007.

GOMES, Patrícia Argôllo. Fotografar. In FONSECA, Tania Mara Galli. MARASCHIN, Cleci. NASCIMENTO, Maria Livia. (Orgs) **Pesquisar na diferença: Um abecedário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012. pp. 117-119.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora

34, 1992.

HARDT, Michel. **O Trabalho Afetivo**. In Cadernos de subjetividade: O Reencantamento do Concreto. Saúde loucura. São Paulo: Editora Hucitec, 2003. pp. 143-158.

LAZZARATO, Maurizio. NEGRI, Antonio. **Trabalho Imaterial: Formas de Vida e Produção de Subjetividade**. Tradução: Mônica de Jesus. Rio de Janeiro: DP&A 2001.

LIBERMAN, Flavia. **Delicadas coreografias: Instantâneos de uma terapia ocupacional**. São Paulo: Editora Summus, 2008.

LIMA, Elizabeth Araújo. Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade. **Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v.1, n.20, pp. 317-329, jul./dez. 2006.

LIMA, Elizabeth Araújo. **Arte, Clínica e Loucura: território em mutação**. São Paulo: Editora Summus: FAPESP, 2009.

LIMA, Elizabeth Araújo. LIBERMAN, Flávia. O Corpo de um Cartógrafo. **Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 19, n. 52, pp. 183-193, 2015.

LIMA, Elizabeth Araújo. PELBART, Peter Pál. Arte, Clínica e Loucura: um território em mutação. **História, Ciência, Saúde- Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, pp. 709-737, jul./set., 2007.

LIMA, Elizabeth Araújo. YASUI, Silvio. Territórios e Sentidos: Espaço, Cultura e Cuidado na Atenção Psicossocial. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, pp. 593-606, jul/set. 2014.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LOURAU, R. **Análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

MERHY, Emerson Elias. Engravando palavras: o caso da integralidade. In Pinheiro R, Mattos R. **Construção Social da Demanda: direito à saúde, trabalho em equipe, participação e espaços públicos**. Rio de Janeiro: IMS-UERJ, Abrasco, 2005. pp. 66-112.

MERHY, Emerson Elias. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo em ato**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MERHY, Emerson Elias. A clínica do corpo sem órgãos, entre laços e perspicácias: Em foco a disciplinarização e a sociedade de controle. **Lugar Comum**, n. 27, pp. 281-306, 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4.ed.

Tradução Catarina Eleonora F. da Silva. Revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MULATI, Denise. Os Centros de Convivência e Cooperativas: Desejos e Ações Compartilhadas. In PÁDUA, Elisabete M. M. MAGALHÃES, Lílian V. (orgs.) **Terapia Ocupacional: Teoria e Prática**. Campinas-SP: Papyrus, 2003. pp. 95-112.

NUNES, M. Os excessos do real, o seqüestro do coletivo e a metáfora viva da saúde pública no Brasil. In: **International Conference: Rethinking “the Public” in Public Health: Neoliberalism, Structural Violence, and Epidemics of Inequality in Latin America**. 2004.

ONOCKO, Rosana Campos. **A gestão: espaço de intervenção, análise e especificidades técnicas**. In CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **Saúde Paidéia**. Vol. II. São Paulo: Editora Hucitec, 2003. pp. 122-149.

PASSOS, Eduardo Henrique. BARROS, Regina Benevides Duarte de. **O método da reversão** (mimeo). Texto aula 06 mai. 2006.

PMSP - Prefeitura do Município de São Paulo/ Programa de Saúde Mental. **Normatização das Ações nos Centros de Convivência e Cooperativas Municipais**. São Paulo: PPMSP, 1992.

ROLNIK, Suely. Hal Hartley e a Ética da confiança. **Cadernos de Subjetividade/PUC-SP**, v. 3, n. 1, pp. 65-75, 1995.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

SCHEINVAR, Estela. Produzir. In FONSECA, Tania Mara Galli. MARASCHIN, Cleci. NASCIMENTO, Maria Lívia. (Orgs) **Pesquisar na diferença: Um abecedário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012. pp. 195-197.

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. As redes de trabalho afetivo e a contribuição da saúde para a emergência de outra concepção de público. **Ver. Ciência e Saúde Coletiva**, v.10, supl. 1, Rio de Janeiro, 2005.

WUNDER, Alik. Fotografias, restos quase mortais. p.155-176. In AMORIM Antonio Carlos; GALLO, Silvio; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de (orgs). **Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...** Petrópolis: De Petrus; Brasília: CNPq, 2011.

YASUI, Silvio. **Rupturas e Encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.